

A VERDADE ESTÁ LÁ FORA

Novelas de Las Marías
Exclusivo em vídeo de TV

ARQUIVO

Criada por Chris Carter
Adaptação do roteiro
de Steve Di Marino



3

TERRÍVEL SIMETRIA

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by [ePubtoPDF](#)

Arquivo X

Terrível Simetria

Capítulo 1

Ninguém está pagando para você ficar dançando aí, Roberto — disse Francisco Garcia

ao seu sobrinho. Falou em espanhol, tendo como fundo o ritmo latino do radiogravador de

Roberto. — Lembre-se de que Deus está vendo.

Francisco mostrou a câmera de televisão apontada na direção dos dois e instalada no

teto do edifício onde estavam trabalhando, o edifício do Banco Mutual de Idaho, o maior

banco de Fairfield, Idaho. Esse prédio-sede tinha o pé-direito bem alto e pisos de mármore

brilhante. Francisco e Roberto eram os encarregados da limpeza daqueles pisos, trabalho que

eles faziam todas as noites.

Francisco tinha de admitir que gostava de ver Roberto ouvindo o rádio e dançando,

usando o esfregão como seu par. Os jovens, afinal de contas, tinham direito de se divertir,

mas, como tio de Roberto, era sua obrigação manter o rapaz na linha.

— Se você perder este emprego vai ter de voltar para a floresta em El Salvador —

advertiu Francisco.

Roberto respondeu com um sorriso. E deu mais um giro, acompanhando o ritmo

sensual. Aí desligou o rádio e voltou ao trabalho.

Satisfeito, Francisco atacou com uma escova e detergente uma mancha mais escura

que havia no chão.

Nesse momento, um barulho surdo encheu o ar.

O piso de mármore tremeu.

Francisco já tinha sentido tremores de terra em El Salvador e também ouvira os

barulhos surdos de guerra.

Mas agora estava em Idaho e lá não havia nem terremotos tampouco guerras. Era uma

terra de muita paz e abundância. Mas Francisco sabia
Identificai O som de problemas quando

tinha chance de escutá-lo.

O barulho surdo repetiu-se, mais forte e mais perto.

O olhar de Francisco percorreu depressa toda a área do banco, em busca de um abrigo

seguro. O lugar ideal seria dentro do cofre, po-rém, as gigantescas portas de aço estavam

trancadas àquela hora. Talvez atrás do balcão...

Antes que ele pudesse se mover, a fachada de vidro temperado do prédio explodiu.

Instintivamente, Francisco fechou os olhos para protegê-los dos milhares de estilhaços que

voaram, como a chuva, para o lado de dentro. Sentiu uma pancada no rosto, depois, silêncio

total.

Lentamente ele deixou escapar o ar que ficara preso nos pulmões. Abriu os olhos e

tocou o rosto com a mão. Seus dedos brilharam com o sangue. Felizmente, a não ser pelo

corte no rosto, Francisco não sofre-ra qualquer ferimento. Olhou para o sobrinho e Roberto

tampouco sofrera coisa alguma, embora tremesse como vara verde. Dando-se conta de que

também estava tremendo, fez o sinal da cruz.

Francisco ouviu de novo o mesmo ruído surdo, só que agora estava mais distante,

estava se afastando.

Com todo o cuidado ele foi na frente, por entre os milhares de fragmentos de vidro que

reluziam sobre o piso de mármore. Ele e o sobrinho chegaram ao buraco que tinha sido a

fachada do banco e olharam para fora.

— Mãe de Deus! Isto não pode estar acontecendo... — exclamou Francisco.

Mas estava. Eles viram um carro na rua, amassado como se tivesse sido atingido por

uma gigantesca britadeira. E viram o abrigo de madeira de uma banca de jornais feito em

pedaços, que lembravam um montão de palitos de fósforo.

Mas não dava para ver o que tinha causado tanto estrago.

A força que arrebentara a fachada do banco, amassara o carro e destruíra a banca de

jornais era invisível.

Francisco e Roberto entreolharam-se. Cada um sabia o que o outro estava pensando.

Talvez não tivessem sido tão espertos indo para Idaho. Na sua terra, eles pelo menos

sabiam de onde vinha o perigo. Ali, repentina-mente sentiam-se como estranhos, deslocados e

estavam amedrontados.

Ray Hines não era um estranho em Idaho. Tinha nascido e fora criado ali mesmo. Tinha

ajudado a construir estradas através das vastas planícies do Estado, assim como em suas

inóspitas montanhas. Naquela noite estava se divertindo com o trabalho. A companhia

construtora estava com pressa de terminar uma nova rodovia de pistas duplas que ia a

Fairfield. E isso significava horas extras.

Hines estava tomando café com seus colegas de trabalho quando ouviu o estrondo.

Olhou para o lado da estrada inacabada.

— Que diabo é isso? — perguntou-se, de queixo caído.

Uma das faixas da estrada estava bloqueada ao tráfego. O blo-queio tinha sido feito

com tábuas de madeira bastante pesadas, mas elas foram jogadas para os lados como se

fossem de papelão. Iam tombando uma atrás da outra.

Alguma coisa muito grande e forte estava descendo pela rodovia.

Hines teria achado que era um ciclone, mas não sentia nem uma brisa sequer. E

tampouco conseguia ver coisa alguma.

Nem mesmo quando ele foi atingido e lançado ao ar.

Pelo canto dos olhos Hines viu a garrafa térmica voar também, esparramando café para

todos os lados.

Foi a última coisa que ele viu.

Seu corpo bateu contra o último trecho da estrada que ele ajuda-iii construir. A última

estrada que ele jamais faria.

Aquela também fora a última vez que Ray Hines tomara café.

A quarenta e cinco quilômetros dali, na mesma rodovia, Wesley Brewer estava

adorando o asfalto lisinho da nova estrada. Se todos os caminhos fossem assim, seria a coisa

mais gostosa do mundo dirigir aquele caminhão enorme. Especialmente vazio daquele jeito.

Dava para andar com tudo. Para Brewer, aquilo era muito melhor do que voar.

Mas unha sido uma longa noite de trabalho. Brewer bocejou ao ligar o seu PX.

— Aqui é Wesley Brewer e estou na estrada Sete — disse no mi-crofone. — Estou

calculando a chegada por volta de oito horas, para apanhar aquela carga.

Esfregou os olhos para manter-se acordado, enquanto esperava por uma resposta.

De repente, seus olhos se arregalaram.

Naquele instante, o sono desapareceu de uma vez.

Bem na sua frente, a apenas alguns metros de distância, estava uma visão que Brewer

só enxergara antes nos outdoors de propaganda dos circos.

Um elefante de tamanho descomunal.

Mas esse elefante não estava num outdoor.

Vinha disparado pela rodovia, direto para ele.

Brewer enfiou o pé com toda a força no pedal do freio e rezou para que o caminhão

parasse.

Todas as rodas da carreta travaram e o veículo derrapou, começando a sair do controle

do motorista, até que parou.

O elefante também parou.

A enorme máquina e o grande animal ficaram frente a frente, separados apenas por

alguns centímetros.

Brewer fixou a vista nos olhos brilhantes do elefante e viu as pontas ameaçadoras de

suas longas presas de marfim. Viu quando a enorme tromba cinzenta se levantou e bateu

contra o pára-brisa.

Parecia vir de muito longe a voz que ele ouviu no rádio PX.

— Pode repetir a que horas pretende chegar aqui? Brewer?
Ei, Brewer, está me

copiando?

Brewer não tinha intenção de responder. Suas mãos estavam agarradas ao volante e só

relaxaram quando ele viu o elefante se voltar para o outro lado. O animal foi embora,

balançando os quadris, na direção do anel ardente do sol que nascia. Como se tivesse, então,

sido atingido por um raio, disparou na corrida. Apesar do seu tamanho descomunal, movia-se

com velocidade extraordinária.

Brewer ficou olhando enquanto o elefante desaparecia por uma curva na estrada.

Esperou que o coração parasse de bater tão forte, apanhou o microfone e disse:

— Eu sei que você não vai acreditar, mas...

O sol já ia alto no céu quando a polícia alcançou o elefante. Foi fácil, não houve

perseguição.

Um motorista tinha visto o animal e pediu socorro.

Estava deitado sobre a rodovia, no mesmo lugar, quando os dois carros de patrulha

chegaram com as luzes vermelhas piscando e as sirenes fazendo o maior escândalo. Outros

carros já estavam no local. Homens, mulheres e crianças formavam um círculo ao redor do

animal caído.

— Afastem-se! — gritou um dos policiais. — O animal ainda está vivo e pode ser

perigoso.

O elefante ainda estava vivo. Por pouco.

Sua barriga subia e descia, e respirava com dificuldade. A tromba movia-se devagar, de

um lado para o outro, estendida sobre o asfalto. O animal dava a impressão de estar reunindo

forças para tentar levantar-se.

O esforço parecia deixá-lo ainda mais extenuado, e ele fraquejava, ficava parado,

tremendo, até que ficou imóvel.

— Mamãe, mamãe! Agora ele vai dormir? — perguntou um garotinho.

A mãe mordeu os lábios quando o menino olhou para ela, e respondeu:

— Sim. Ele agora vai dormir, meu filho.

A irmãzinha do garoto era maior e foi capaz de dar alguns passos para acercar-se mais

do animal caído.

Tinha idade suficiente para olhar bem para ele. Idade suficiente para chorar diante do

que via.

Capítulo 2

A imprensa divertiu-se com aquela matéria.

Um locutor de rádio brincou:

— Esse elefante quase deu uma trombada num caminhão...

O apresentador de um noticiário da televisão disse:

— Os zoológicos estão cada vez melhores para os animais. Agora, eles podem andar

livremente por aí sem serem molestados.

Um jornalzinho, daqueles que se vendem em supermercados, dizia:

SAIA DO CAMINHO, DUMBO!

ELEFANTE DE VERDADE FAZ POUSO FORÇADO NA NOVA RODOVIA

Depois de uma rápida investigação, a polícia local também que-iii esquecer o assunto

logo. A trilha de destruição e o elefante em liber-dade não faziam sentido algum. Os policiais

estavam cheios de casos mais simples. Não tinham tempo a perder com uma dor de cabeça

daquelas. E enterraram o assunto nos seus arquivos. Longe dos olhos, lon-ge do coração.

Mas o caso acabou indo para um outro grupo de arquivos.

O Arquivo X.

Assuntos misteriosos como aquele eram mantidos em uma sala altamente secreta, na

sede do FBI, em Washington, capital. Ali encontravam-se relatórios de casos estranhos,

recebidos de todas as partes do país. Casos que ninguém sabia explicar, e que até mesmo o

FBI gostaria de esquecer.

Só que uma dupla de agentes não queria ver aqueles casos abafados.

— Quando sai o próximo avião para Idaho? — perguntou Fox Mulder a Dana Scully.

— Tem um vôo noturno para Boise, saindo às três da madrugada — respondeu ela. —

Podemos alugar um carro e dirigir até Fairfield.

— Então vamos arrumar as malas.

— As minhas estão prontas — respondeu Scully. — Eu sabia que nem uma manada de

elefantes selvagens o manteria afastado desse caso.

Mulder sorriu para Scully e ela lhe retribuiu o sorriso. Progredira muito desde que

começara a trabalhar ao lado dele¹.

1. Terrível Simetria é um episódio do segundo ano da série, portanto mostra o relacionamento entre Scully e Mulder

bem diferente do que era no início, quando ela foi enviada para relatar as atividades do agente. (N.E.)

A princípio tinha pensado que ele era meio louco, conforme achavam os chefões do FBI.

Mas mudara de opinião.

Já concordava com quase todos os pontos de vista de Mulder. Tinha aprendido que há

muita coisa inexplicável acontecendo no mundo.

E louco era quem não acreditava nisso.

— Agora eu sei o que fazem com o dinheiro dos meus impostos — disse na manhã

seguinte o xerife do Condado de Camus, Stan Weitz, quando Scully e Mulder foram conversar

com ele em seu gabinete. — Incrível vocês virem de avião, de Washington até aqui,

procurando por elefantes selvagens.

Mulder esperou pacientemente que o xerife parasse de rir de sua própria piadinha.

Gostaria de saber quantas piadas de elefantes ainda teria de ouvir, até que aquele caso fosse

dado por encerrado. Muitas, sem dúvida.

Ele consultou o relógio e disse:

— Bem, o governo não nos paga para ficarmos aqui perdendo tempo. Vamos trabalhar.

— Claro! — disse o xerife. — Acho que você vai querer ver o nosso relatório oficial. Vou

desenterrá-lo do arquivo agora mesmo.

— Já tivemos oportunidade de ler — disse Mulder — no avião.

— Nós o desenterramos dos nossos próprios arquivos — disse Scully. — Foi mandado

para a sede do FBI, graças ao sistema informático que temos. Estamos em contato

permanente com todos os departamentos de polícia do país. Isso nos permite entrar em ação

imediatamente, em caso de... emergência².

— Ah, sim. Eu tinha me esquecido — disse o xerife. — Meu pessoal técnico já havia me

falado disso. Mas eu não entendo muito dessa parafernália de informatização. Sou um policial

à moda antiga. Acho que é melhor ter um bom par de sapatos para sair investigando por aí do

que usar esses microchips de hoje em dia.

— Concordo — disse Mulder. — Poderia nos levar até o local onde o problema

começou?

— Claro que sim — respondeu o xerife. — Mas vocês não vão des-cobrir nada além do

que já descobrimos. Em outras palavras: nada.

Saíram do gabinete do xerife de Fairfield e entraram no seu carro de patrulha. O banco

ficava a apenas cinco minutos dali. A grande facha-da de vidro temperado ainda não havia sido

consertada. Os moradores ainda paravam na frente para olhar aquela enorme abertura.

Fairfield não era uma cidade acostumada a acontecimentos estranhos. Só para fazer Idéia, um

semáforo quebrado costumava ser notícia importante por ali.

Dois latinos usando macacões de faxineiros estavam parados na frente do prédio. Um

de meia-idade e o outro com pouco mais de 20 anos. Ambos pareciam assustados.

— Pedi aos dois que ficassem esperando quando recebi o seu fax - disse o xerife. —

Achei que iria querer conversar com eles. Foram testemunhas do... — o xerife fez uma pausa,

procurando a palavra apropriada. Não a encontrou e se limitou a dizer: — Eles viram o que

aconteceu.

— Acho que você deveria interrogá-los — disse Mulder a Scully. — Enquanto isso darei

uma olhada lá dentro do banco.

Certo! — concordou Scully. Antes de conversar com os dois, ela agradeceu ao xerife: —

Obrigada. Daqui em diante nós nos viramos. Acho que o senhor deve ter muito o que fazer.

— Claro, claro — concordou o xerife. — Desejo muita sorte aos dois. Vocês vão

precisar.

Ele entrou no seu carro de patrulha e foi embora.

Scully foi falar com as duas testemunhas. Como ela tinha pensado, eles pareciam mais

calmos, agora que o xerife tinha se retirado. Os policiais de uniforme costumam deixar as

testemunhas nervosas.

— Como vocês se chamam? — perguntou aos dois.

— Sou Francisco Garcia e este é meu sobrinho Roberto — disse o mais velho. — Pode

acreditar, moça. Não foi por nossa culpa que o vidro explodiu. Nós dois somos gente boa,

trabalhadores e honestos. Nunca fazemos nada errado. Obedecemos todas as leis. Sempre

tentamos agir como bons norte-americanos, porque queremos obter nossa cidadania algum dia.

2. O FBI opera centros de informação chamados Information Technology Centers (ITCs), que em serviços de

informação de apoio às operações de campo. Também utiliza o National Crime and Information Center (NCIC), que

entrou em operação nos anos 60 e dá assistência local, estadual e federal à aplicação da lei. (N.E.)

— Por favor, não se preocupem — disse Scully. — Não precisam ficar com medo de nós.

Só queremos saber o que vocês viram na noite em que explodiu o vidro da janela.

— Não vimos nada — disse Francisco.

— Nada — reafirmou Roberto.

— Não havia ninguém lá fora? — perguntou Scully.

— Não — insistiu Roberto. — Eu fui olhar, mas não vi nada.

— Por acaso ouviram alguma coisa?

— Um barulho. Sim — recordou-se Francisco.

— Uma coisa parecida com trovão — acrescentou Roberto.

— Bem alto a princípio e

depois foi ficando mais fraco.

— Mais alguma coisa? — perguntou Scully, anotando tudo em seu caderno.

Os dois homens balançaram a cabeça, negativamente. Scully esperou um pouco para

ver se os dois lembravam de mais alguma coisa. Era tudo o que sabiam.

— Obrigada — agradeceu ela. — Ajudaram bastante.

— Também são da polícia? — perguntou Francisco.

— Sim — confirmou Scully. — Do governo federal, do FBI.

— Não vai acontecer nada com a gente, vai moça? — perguntou Francisco.

— Não, não vai acontecer nada com vocês — assegurou Scully.

— Obrigado, moça. Muito obrigado — agradeceu Francisco, feliz. Em El Salvador os dois

homens tinham aprendido que, quanto mais

longe se fica da polícia, melhor. E procuraram afastar-se o mais depressa que podiam, sem

deixar transparecer que estavam mesmo é correndo.

Mulder voltou para perto de Scully e disse:

— Nada lá dentro, a não ser uma montanha de cacos de vidro. O que foi que aqueles

dois revelaram?

— Afirmam que não viram nada — respondeu Scully —, só ouviram um barulho muito

forte, que não conseguiram identificar. Tenho a impressão de que estão dizendo a verdade.

— Devem estar mesmo — disse Mulder. — A fita da gravação feita pelas câmeras de TV

da segurança também não revela nada. Só uma gigantesca explosão e vidro voando para o

lado de dentro. Como se tivesse havido uma onda de choque pelo lado de fora.

— E isso nos deixa sem nenhuma pista para continuar — lamentou Scully, balançando a

cabeça.

— Por acaso você esperava o quê, parceira? — perguntou Mulder. — Estamos no meio

de um Arquivo X. Sempre começamos com muitas linhas em branco e metade da alegria é

preencher esses espaços.

— Claro! — disse Scully. — É o mesmo que tentar fazer palavras cruzadas num idioma

que a gente não entende.

— Você vai ter de aprender esse idioma — disse Mulder — se quiser mesmo entender a

mensagem que estamos recebendo.

Capítulo 3

Scully consultou suas anotações e disse:

— O relatório da polícia informa que a trilha de destruição sobe por esta rua.

— Então vamos segui-la — disse Mulder.

Antes que começassem a caminhada, Scully deu mais uma olhada no buraco que havia

na fachada do prédio.

— O barulho que os dois faxineiros descreveram poderia ter sido provocado por um jato

supersônico — sugeriu ela.

— Poderia. Mas não foi esse tipo de impacto que fez aquilo — disse Mulder, apontando

para um carro estacionado do outro lado. Tinha o capô afundado. E a lateral amassada. —

Nem aquilo — disse ele, mostrando uma placa metálica de sinalização toda retorcida, como se

fosse feita de massa de modelar. — E muito menos aquilo — arrematou ele, apontando para o

abrigo da banca de jornais, que se transformara num monte de madeira rachada.

— Tem razão — concordou Scully. — A teoria do impacto provocado por um avião

supersônico não explica nada disso.

— E ainda temos esta foto — disse Mulder, entregando a ela uma fotografia que fora

transmitida via fax para a sede do FBI, junto com o relatório das autoridades policiais locais.

Scully olhou de novo, para refrescar a memória. Não era uma imagem bonita de se ver.

Um cadáver nunca é uma imagem bonita.

— A coluna vertebral deste homem foi quebrada como se fosse um palito de dentes —

lembrou Mulder. — E no corpo dele havia um ferimento mais ou menos do tamanho de uma

pata de elefante. Os outros homens que trabalhavam na estrada disseram ter sentido o chão

tremer. E sentiram vagamente o cheiro de animal, trazido pelo vento.

— Sei o que você está pensando, Mulder — disse ela. — Que o elefante encontrado por

eles é o culpado de tudo. Mas não dá para aceitar essa tese. Alguém teria visto um animal tão

grande como esse.

— Se alguém tivesse visto, não estaríamos aqui, Scully.

Ele riu para ela, mas Dana não retribuiu o sorriso. Tinha muita coisa na cabeça e

decidiu continuar investigando.

Aproximou-se do carro amassado. Depois foi examinar a placa retorcida e, finalmente,

estudou bem de perto os restos da banca de jornais.

Mulder a seguia bem de perto.

— Se tivesse sido um veículo, teria deixado provas das colisões — disse ele. — Seria

fácil encontrar marcas de tinta. Ou algum tipo de risco feito pelo metal. Não encontrei nenhum

sinal de nada disso. Você encontrou?

Scully examinou a placa retorcida e balançou a cabeça.

— Eu diria até que há uma pequena possibilidade de ter ocorrido um ciclone —

continuou Mulder. — Apesar de não ser época de ciclones. E poderia até admitir a possibilidade

de um buraco negro ter passado no espaço, sobre esta área, no momento em que ocorreram

os fatos. Mas...

Ele fez uma pausa e esperou até que Scully perguntasse:

— Mas o quê, Mulder?

— Mas, se eu gostasse de apostar, diria que foi um...

— Um elefante invisível?

— Foi você quem afirmou. Não eu — disse Mulder.

— Nem era preciso falar — disse Scully. — Eu sei como a sua mente trabalha.

— Sabe? Uma vez eu vi o mágico David Copperfield fazer a Estátua da Liberdade

desaparecer — contou Mulder. — Um elefante seria brincadeira de criança para alguém como

ele.

— Claro, Mulder — ironizou Scully. — Então algum mágico maluco veio até Fairfield com

fumaça e espelhos.

— Talvez não tenha sido um mágico — explicou Mulder. — E talvez não tenha usado

fumaça nem espelhos. Mas foi alguém, alguma coisa, com algum tipo de...

Ele não disse mais nada.

Um caminhão enorme parou junto à calçada, perto deles.

Pintada na lateral do caminhão estava a silhueta de um tigre saltando e as palavras

Zoológico de Fairfield.

Abriu-se a porta do lado do motorista e dele desceu um homem usando um uniforme

verde. De cabelos ralos e grisalhos, tinha uma barriga enorme, que curvava sobre o cinturão.

Mas ele irradiava força e firmeza quando se aproximou dos dois agentes.

— Agente Mulder? — perguntou ele.

— Sim.

— Sou Ed Meecham, do Zoológico de Fairfield. Recebi seu fax, pedindo para encontrá-lo. Foi o xerife quem me informou que estava aqui. Desculpe eu ter demorado um pouco, mas foi um trabalhão levar o cadáver de Ganesha hoje pela manhã.

— Esta é a agente Scully — apresentou Mulder.

Meecham fez um sinal com a cabeça, como se só naquele instante tivesse notado a presença

de Scully.

"É realmente muito interessante como algumas pessoas não conseguem ver uma

mulher como agente especial do FBI", pensou Mulder, "mesmo uma pessoa de aparência tão

inteligente como Scully. É preciso repetir isso o tempo todo."

— Oi! — saudou Meecham, tornando a virar-se para Mulder.

Antes que ele lhe virasse as costas, Scully perguntou:

— Já se sabe o que foi que causou a morte dela?

Meecham respondeu:

— Ganesha era uma fêmea da raça indiana. Pelo que nos foi dado observar, ela

simplesmente tombou ao chão. Morreu de cansaço.

— Como foi que ela escapou? — perguntou Scully. Meecham ergueu as sobrancelhas e

respondeu:

— Bem, devo dizer que é um mistério. Quando recebi o chamado informando que ela

estava na estrada, pensei que ia encontrar o curral aberto ou coisa parecida. Ao contrário, os

portões estavam trancados, do jeitinho que eu tinha deixado no dia anterior, ao final do

expediente.

— Tem alguma idéia que explique como um elefante poderia ter passado pelos portões

trancados? — perguntou Mulder.

— Não senhor — respondeu Meecham. — E tampouco encontramos qualquer sinal de

arrombamento.

Mulder e Scully se entreolharam.

Enquanto isso, Meecham coçava a cabeça, observando os estragos causados na rua.

— Que bagunça! — exclamou ele. — Já era hora de terem limpado tudo isso.

— Nós pedimos à polícia que nos deixasse ver os estragos antes de qualquer limpeza —

explicou Mulder.

— Bom, acho que vocês sabem o que estão fazendo — acrescentou Meecham. —

Quanto a mim, só entendo de animais. Já faz trinta anos que trabalho neste zoológico.

— Então conhece bem os elefantes, hein? — perguntou Mulder.

— Conheço todas as criaturas que estão no zoológico — respondeu Meecham. — Como

eu disse, entendo de animais.

— Então talvez possa me ajudar com algumas informações — disse Mulder.

— Se estiverem relacionadas com o meu trabalho no zoológico...

— Estive lendo alguma coisa sobre uma tal de rebelião dos elefantes — comentou

Mulder. — São notícias relacionadas com os zoológicos do país inteiro e dizem respeito a

muitos elefantes que têm tido um comportamento violento. Chegando inclusive a atacar até o

peçoal que cuida deles, destruindo os currais e as jaulas. Por acaso Ganesha alguma vez

causou problemas?

Meecham fechou a cara e disse:

— Os elefantes são animais muito grandes, donos de um temperamento bastante difícil.

Mulder esperou que ele continuasse, mas Meecham continuou em silêncio.

— Então ela causou problemas? — indagou Mulder. Meecham fez uma expressão ainda mais séria.

— Não é a mim que deve perguntar — respondeu ele, irritado. — A pessoa com quem precisa conversar é Willa Ambrose.

— Ambrose? — perguntou Scully, anotando o nome em seu caderno. — Quem é ela?

Trabalha no zoológico?

— Sim — confirmou Meecham. Parecia que estava com gosto amargo na boca. — É o

que se pode chamar de naturalista. A Junta de Supervisores do Zoológico a contratou no ano passado.

— E o que é que ela faz? — perguntou

— A função dela é modernizar o zoológico — explicou Meecham. — Sabe como é, com

todas as novidades que estão inventando agora! Ela é uma espécie de encarregada geral, mas,

na verdade, nunca trabalhou em nenhum zoológico antes. E não sabe muita coisa sobre

animais, além do que leu nos livros e talvez tenha visto nos vídeos.

— Mas você sabe — disse Mulder.

— Sei, sim — concordou Meecham.

— Inclusive sobre os elefantes?

— Inclusive sobre os elefantes.

— Então, permita que eu lhe faça uma pergunta — disse Mulder.

— Todo este estrago, aqui na rua. Acha que poderia ter sido causado por um elefante

foragido?

— Quer minha opinião sincera? — disse Meecham. — Eu acho.

— Tem certeza disso?

— Tenho — afirmou Meecham.

— Obrigado — disse Mulder, olhando para Scully com ar triunfante.

Meecham consultou o relógio e disse:

— Se não precisarem mais de mim, acho que vou voltar ao meu trabalho. E hora de

alimentar os bichos.

— Muito obrigado por sua cooperação — disse Mulder. — Talvez tenhamos mais

perguntas depois. Sabe como é, perguntas que a senhorita Ambrose talvez não saiba como

responder.

— Às suas ordens — disse Meecham. — A hora que quiser.

Mulder esperou que Meecham entrasse no caminhão e fosse embora. Então, agachou e

começou a mexer nos papéis espalhados pelo chão, perto da banca de jornais destruída.

— O que está procurando, Mulder? — perguntou Scully, já se preparando para a resposta.

— Algum jornal daqui da cidade — disse ele, sem levantar os olhos. — Quero ver se o

David Copperfield não está se apresentando por aqui.

Capítulo 4

— Você notou que não há muitos visitantes por aqui hoje — observou Scully, olhando ao redor.

Ela e Mulder tinham resolvido dar um passeio até o zoológico.

— Lembre-se de que é um dia útil — disse Mulder. — Talvez te-nha mais gente nos

finais de semana.

— E deve ter mesmo — comentou Scully. — Parece ser um excelente zoológico. Melhor

do que a maioria dos que eu conheço. Alguns deles são péssimos. Chego a ficar com pena dos

pobres ani-mais.

— É verdade — concordou Mulder. — Os diretores é que deveriam ser mantidos presos

nas jaulas.

O Zoológico de Fairfield era um lugar muito bonito. As jaulas dos animais eram grandes

e limpas. Os cercados externos tinham árvores, formações rochosas e regatos de água limpa,

imitando os habitats naturais. Todos os animais pareciam saudáveis e bem alimentados.

Mulder e Scully caminharam pelas trilhas que serpenteavam pelo parque, entrando e saindo

dos prédios, acompanhando um dos tratadores, vendo leões e panteras, grandes sucuris e

chacais, rinocerontes e lhamas, flamingos e focas.

Scully parou perto de um dos cercados externos. Olhou pelas barras da cerca e viu um

gigantesco tigre de Bengala que caminhava de um lado para o outro. Quando o animal viu

Scully, arrega-nhou as mandíbulas e urrou. Depois, rosnando de leve, continuou a caminhar.

— É maravilhoso! — disse Scully. — Faz-me lembrar do poema de William Blake³:

"Tigre! Tigre! ardendo quente

Nas florestas do Oriente"

— Lindo — concordou Mulder. E olhou para a jaula do tigre.
— Mas também é triste.

— Talvez seja por isso que eu nunca me sinta bem em zoológicos — disse Scully. —

Como se houvesse alguma coisa errada, fora do ponto de equilíbrio. Veja a maneira como o

tigre fica andando. Vai e volta, vai e volta. E o modo como fica olhando para o infinito toda vez

que pára. Isso acontece com todos os animais. Eles foram feitos para ter muito espaço ao seu

redor, e aqui não têm.

— Muita gente pensa a mesma coisa — comentou Mulder. — Há muito protesto contra a

própria idéia de se ter zoológicos.

O tigre voltou-se uma vez mais para eles e rugiu. O sol refletiu o brilho dos seus dentes

amarelados.

— Mas ainda vejo certo valor nas barras de ferro — disse Scully, afastando-se da cerca.

Naquele momento Mulder viu um tratador, um homem idoso, usando uniforme verde.

— Oi! — saudou Mulder. — Estava procurando por alguém que pudesse informar onde

podemos encontrar Willa Ambrose. Não tem muita gente trabalhando aqui hoje.

O homem balançou a cabeça e respondeu:

3. William Blake (1757-1827) é um dos representantes do período romântico da poesia britânica. O poema "The Tiger"

faz parte de seu segundo livro Songs of Innocence and of Experience. Segundo os críticos, "The Tiger" é um bom

exemplo de sua poesia em que ele alcança seu máximo de lirismo metafórico, repleto de símbolos. (N.E.)

— Não tem muita gente trabalhando aqui em dia nenhum. Andam cortando os gastos,

porque estão com problemas financeiros. Não sei quanto tempo ainda vou ter este emprego,

mas já faz trinta anos que estou aqui — deu-se conta então do que os visitantes tinham

perguntado. — Willa Ambrose? Eu a vi há pouco, perto das gaiolas de pássaros. É logo depois

dos ursos polares. Por que não dá uma olhadinha por lá?

— Obrigado — disse Mulder e, então, se afastou, em companhia de Scully, dizendo: —

Parece que os animais humanos têm seus próprios problemas por aqui.

— É verdade — concordou Scully. — Também estão passando por apertos.

Caminharam por uma área cercada, onde os ursos polares nadavam numa piscina

pouco profunda, para escapar do calor do sol, e chegaram a um prédio identificado por uma

placa:

AVIÁRIO

Era uma gaiola enorme, espaçosa e muito alta, cheia de plantas tropicais, rochas e

pequenas quedas-d'água. Pássaros de pluma-gens coloridas, de todas as espécies, enchiam o

ar com seus cantos l gritos.

Só havia uma pessoa lá dentro. Uma mulher, de uns 30 e poucos anos, alta e magra,

usando uma blusa branca e um jeans desbotado. Carregava nos braços vários livros e

cadernos de notas. Mas parecia nem se lembrar do que levava, olhando com uma expressão

feliz para todas aquelas aves.

— Senhorita Ambrose? — perguntou Scully.

— Sim, sou Willa Ambrose — respondeu ela, com um sorriso educado.

— Sou a agente Dana Scully. E este é o agente Fox Mulder. Nós somos do FBI.

O sorriso de Willa desapareceu e também sumiu toda a candura de sua voz.

— Ah, sim? — disse ela secamente.

— Podemos lhe fazer algumas perguntas? — disse Scully.

— Por acaso é sobre Ganesha?

— Sim — disse Mulder. — Conversamos com o senhor Meecham. Acho que ele também

trabalha aqui.

— É meu chefe de operações — informou Willa.

— Pois é. Ele não quis responder algumas das perguntas que lhe fizemos e sugeriu que

viéssemos aqui para vê-la.

— É mesmo? — surpreendeu-se Willa, erguendo as sobrancelhas. Mas parecia contente

com aquela informação. Sua expressão e seu tom de voz tornaram-se mais amigáveis. —

Desculpem se fui grosseira. Vocês me pegaram de surpresa. O que posso fazer para ajudá-los?

— Um empregado do Departamento Federal de Rodovias foi mortalmente ferido

recentemente — informou Scully. — É possível que um elefante foragido do seu zoológico

tenha tido alguma coisa a ver com a morte dele.

O sorriso de Willa tornou a desaparecer. Com frieza na voz, ela disse:

— Fui informada de que as testemunhas oculares não conseguiram explicar como foi

que esse cavalheiro morreu.

Scully olhou para Mulder. A expressão dela dava a entender que não pretendia entrar

no questionário. A idéia do elefante assassino era de Mulder, não dela. Scully simpatizava com

a posição de Willa Ambrose, de rejeitar um ponto de vista que não parecia ser apenas um

tanto estranho, mas até amalucado.

Mulder continuou seu interrogatório sem perder o embalo.

— Na verdade, estamos tentando descobrir como Ganesha escapou.

— Qual foi a declaração de Ed Meecham? — perguntou Willa.

— Que a jaula estava trancada, do mesmo jeito que ele tinha deixado no dia anterior —

explicou Mulder.

Willa deu de ombros e disse:

— O que mais eu poderia dizer?

— Um homem foi pisoteado até a morte — disse Mulder. — Morreu sob os pés de um

animal bastante grande, e um elefante do seu zoológico foi encontrado a quase setenta

quilômetros daqui. Não estamos tentando lançar a culpa sobre ninguém. Só queremos chegar

aos fatos que levaram a esse infeliz acidente.

— Muito bem — concordou Willa. — Acho que vocês têm de fazer seu trabalho. Por que

não vêm comigo para dar uma olhada no curral de Ganesha? Vai valer mais do que qualquer

informação que eu pudesse dar.

O curral dos elefantes ficava perto de onde eles se encontravam. Era fechado por uma

cerca bastante alta, com barras de ferro em três lados e um muro de concreto no outro. O

portão, que ficava numa das cercas, tinha um grande cadeado.

— Era aqui que Ganesha ficava quando não estava em seu hábi-tat — informou Willa.

— E onde é o hábitat dela? — perguntou Mulder.

— Do outro lado daquelas portas de aço, atrás do curral — apontou Willa. — Ficava lá

durante o dia, para ser vista pelos visitantes. A noite era trazida para este lado. De fato, o

hábitat é bastante bonito. Gostariam de dar uma olhada?

— Não, obrigado — disse Mulder. — Por enquanto estou mais interessado neste curral.

Foi daqui que ela escapou, não foi?

— Parece que foi — disse Willa.

— Quem tem a chave daquele cadeado? — perguntou Mulder.

— Só eu e Ed Meecham — respondeu Willa. Aí ela percebeu que Scully estava olhando

para a alta cerca de ferro e continuou: — Os elefantes não saltam muito alto, se é isso que

está pensando.

— Na verdade eu estava tentando entender como vocês têm um curral tão pequeno

para um animal tão grande — disse Scully.

Willa não parecia muito feliz quando respondeu à pergunta:

— Este zoológico foi construído na década de 1940. A maior parte dos currais e dos

hábitats de fato é muito pequena. Eu fui contratada para fazer um novo projeto dessas

dependências, e minha idéia é expandir os espaços destinados aos animais, torná-los mais

apropriados. Mas isso leva tempo.

Mulder apontou para duas pesadas correntes, que estavam no chão, e perguntou:

— Para que são essas correntes?

Willa parecia ainda menos à vontade, quando respondeu:

— Para amarrar os animais. A finalidade das correntes é restringir os movimentos

deles.

— Eram usadas em Ganesha? — perguntou Scully.

— Não! — exclamou Willa. — Acabei com esse tipo de procedimento quando fui

contratada para trabalhar aqui.

— E quem era que usava esse procedimento? — perguntou Mulder.

A expressão de Willa tornou-se severa e sua voz adquiriu um tom

de gravidade, quando ela respondeu:

— Ed Meecham. Ele pertence a uma geração diferente de administradores de

zoológicos. Muitas de suas práticas não são... apropriadas.

— Como é o seu relacionamento com o senhor Meecham? — indagou Mulder.

Willa deu uma risada amarela:

— Sou a diretora e sou mulher. Ed não aprecia muito essa combinação, e também não

gosta da maneira como eu administro o zoológico. Problema dele.

— Acha que ele teria ficado tão revoltado a ponto de cometer um ato de sabotagem? —

perguntou Scully. — Ficaria furioso o bastante para deixar o elefante sair do curral?

Willa fez silêncio, pensando na resposta.

De longe veio de novo o rugido do tigre.

Capítulo 5

Finalmente, Willa balançou negativamente a cabeça e respondeu:

— Não consigo imaginar Ed Meecham fazendo uma coisa dessas. Ele não gosta muito

de mim, tampouco concorda com minhas idéias em relação ao zoológico. Mas gosta do

trabalho que faz. O zoológico tem problemas financeiros, porque a prefeitura está reduzindo as

verbas destinadas à instituição, portanto estamos dependendo de contribuições privadas para

continuar o trabalho. Se houver qualquer ti-po de escândalo aqui, essas doações param de

chegar. Se isso acontecer, o zoológico terá de fechar suas portas.

— Por acaso teve oportunidade de conversar com Meecham sobre a fuga do elefante?

— interessou-se Mulder. — Como isso poderia ter acontecido? E o que Ganesha poderia ter

feito lá fora, antes de morrer?

— Na verdade, não conversei com ele — admitiu Willa. — Ed e eu não nos

consideramos amigos, mal nos cumprimentamos. Além disso, ele anda bastante ocupado, passando quase todo seu tempo envolvido com a OLN.

— OLN? — perguntou Scully.

— Organização Livres de Novo — disse Mulder.

Scully riu consigo mesma. Só Mulder para dominar esse tipo de informação. Talvez não

houvesse um grupo ou entidade no país inteiro, no mundo, possivelmente no Universo, que

Mulder não conhecesse.

— Quem são eles? — perguntou ela.

— Um grupo que considera um crime contra a natureza manter preso qualquer animal

— respondeu Mulder. — E que também se considera no direito de violar qualquer lei humana

para impedir tal crime.

— Essa gente vai fazer a maior confusão com o caso da morte de I Ganesha —

comentou Willa. — Na verdade a confusão já começou, pois um dos líderes do grupo montou

acampamento perto do lugar onde morreu aquele empregado do Departamento de Rodovias. E

está lá distribuindo panfletos a todos os motoristas que por ali passam e param para olhar.

— Quem é ele? — perguntou Mulder.

— Um sujeito chamado Kyle Lang — respondeu Willa.

Scully percebeu um falsete na voz de Willa, quando ela disse aquele nome, como se

estivesse vacilando.

— Por acaso o conhece? — perguntou ela. Willa mostrou-se insegura

— Nós... Nós já tivemos alguns desentendimentos.

— Que tipo de pessoa é ele? — perguntou Scully.

— Acredita muito no que faz — respondeu Willa. — Acha que existem apenas dois

pontos de vista, sem intermediários. Ou estamos do seu lado, ou somos seus inimigos. Vocês

vão descobrir como ele é quando falarem com ele, e tenho certeza de que vão procurá-lo.

Ao longe, o tigre urrou uma vez mais.

— É melhor dar uma olhada para ver se está tudo bem — apressou-se Willa. — Há

peessoas que se divertem provocando os grandes gatos. Estou tentando educar os visitantes a

não serem cruéis com as criaturas selvagens, mas confesso que é difícil — suspirou e deu de

ombros. — Mas preciso continuar insistindo. Acho que todos temos de fazer o melhor que

podemos. Este mundo não é perfeito, mas é o único que nós temos.

Mulder e Scully ficaram observando Willa enquanto ela se afastava na direção do

cercado onde estavam os tigres.

— Parece ser uma pessoa dedicada ao seu trabalho — observou Scully. — Mas também

parece estar lutando contra a maré, contra o corte de despesas, num zoológico antiquado,

contra empregados que defendem idéias fora de moda. E mais, contra aquele tal de Kyle Lang.

Tenho a impressão de que ele a preocupa mais do que todos os outros. Por que será?

— Acho que devemos aceitar o conselho da senhorita Ambrose — sugeriu Mulder. —

Vamos conhecer o senhor Lang? Na pior das hipóteses, aposto que os panfletos dele devem

ser muito interessantes, não acha?

— Melhor ligar para Washington primeiro — advertiu Scully.

— Gostaria de saber se já

foi fichado, pois desconfio que há algum segredo a respeito dele que Willa não quis nos contar.

— Claro — concordou Mulder. — Embora as informações contidas nos arquivos e os

fatos da vida real sejam muito diferentes uns dos outros.

Kyle Lang tinha um pacote de panfletos na mão, e estava perto da faixa inacabada da

nova rodovia, onde Ray Hynes havia morrido.

Alto e magro, de camisa de flanela e calças jeans, Kyle caminhava com o jeito de um

homem que se sentia bem no seu corpo e à vontade na terra em que pisava.

Sorriu amigavelmente para Scully e Mulder, quando os dois desceram do carro, e lhes

estendeu a mão com um panfleto.

— Obrigado. Vamos ler mais tarde — disse Mulder, colocando o panfleto no bolso do

paletó. — Neste momento gostaríamos de conversar com você. E talvez com o seu amigo ali.

Mulder apontou para um jovem de cabelos vermelhos, encostado em uma velha

caminhonete parada ao lado da rodovia. Não parecia ter mais de 15 anos, e sua expressão era

a de quem estava de mal com a vida. Carrancudo, com um olhar hostil.

— E quem são vocês? — perguntou Kyle.

— Sou o agente Fox Mulder, do FBI, e esta é minha parceira, agente Dana Scully.

Mulder esperava uma certa reação de Kyle quando se identificou, pois a maior parte

das pessoas fica paralisada durante alguns segundos quando ouve o nome "FBI". Todavia Kyle

continuou imperturbável, aliás, ele parecia até ter achado engraçado.

— Vieram investigar a cena do crime? — perguntou ele. — Pois acho que vieram ao

lugar errado. Sugiro que procurem o zoológico.

— Já estivemos lá — disse Mulder.

— Então deve ter visto o curral onde Ganesha vivia presa — disse Kyle. — Dezesete

por dezessete metros. Para um elefante.

— Acha isso desumano? — perguntou Scully.

— Acho criminoso! — respondeu Kyle, sem nenhum sinal de que estivesse brincando. —

É o mesmo que obrigarem você a viver dentro de um barril de madeira!

— Por falar em atos criminosos — comentou Scully —, segundo os arquivos do FBI,

você já foi preso mais de uma dúzia de vezes, por crimes de seqüestro de animais de zoológico

e de circo.

— A OLN considera esses atos como libertação — informou Kyle, com toda a calma.

— Por acaso esteve envolvido na libertação de Ganesha? — perguntou Scully.

— Isso me tornaria cúmplice de assassinato, não? — perguntou Kyle. Houve um

momento de silêncio.

Então, Kyle disse:

— Desculpem, meus amigos do FBI. Não estou confessando coisa alguma, tá? Colocar

em risco a vida de um animal é contra tudo aquilo em que a OLN acredita. E os elefantes são

criaturas especialmente preciosas.

— Verdade mesmo? — disse Mulder, num tom deliberadamente provocador. — Eu

nunca tinha pensado nisso. Eles têm a pele tão grossa.

Scully sabia o que Mulder estava fazendo. Procurava instigar Kyle, tentando pegá-lo

desprevenido. Era uma ótima técnica para fazer os suspeitos confessarem. E ela também

entrou no jogo:

— Sempre achei que não passavam de animais idiotas, que gostam de amendoins.

Mas Kyle não parecia nem um pouco irritado. Parecia, sim, interessado em dar aos dois

uma lição sobre o animal.

— Estão muito enganados — disse ele. — Os elefantes são criaturas extremamente

dóceis, espirituais e inteligentes. Seu comportamento e seus rituais de vida são um vínculo

com um passado que nós, os humanos, jamais experimentamos. Vocês sabiam que eles

enterram os seus mortos? Que seus cemitérios existem há centenas e centenas de anos? Que

eles sabem, por instinto, onde estão as ossadas de seus ancestrais mais primordiais? E que

nós, os humanos, não entendemos como eles sabem isso?

— Você sabe muito sobre os elefantes — disse Mulder, com um sorriso.

— Eu gostaria de saber muito mais a respeito deles — respondeu Kyle. — Sobre eles e

sobre todos os animais. Quanto mais se sabe, mais se aprende a protegê-los e amá-los.

— Mas você deve ter alguma idéia sobre a fuga de Ganesha — sugeriu Mulder. — Para

onde ela estava indo? Do que estava fugindo?

— Quer mesmo saber? — perguntou Kyle.

— Foi por isso que viemos de tão longe — disse Mulder

— Então venham comigo — convidou Kyle. — Vou fazer melhor do que lhes contar. Vou

mostrar-lhes.

Capítulo 6

Vou na caminhonete e vocês podem me seguir — sugeriu Kyle.

— É uma viagensinha de meia hora.

— Aonde vai nos levar? — perguntou Scully.

— Para assistir a um vídeo — respondeu Kyle. — TV educativa.

Ele foi para a caminhonete e disse algumas palavras ao garoto de Cabelos vermelhos.

Os dois subiram na caminhonete e partiram, na direção da cidade de Fairfield.

Scully e Mulder seguiram atrás, com Scully ao volante. A meio caminho da cidade, ela

acendeu os faróis, pois o sol já estava se pondo.

Já estava escuro quando chegaram à cidade e ao bairro empobrecido onde a

caminhonete parou.

Kyle e seu amigo estavam esperando na frente de um prédio quase em ruínas. Na

frente do edifício havia uma placa de madeira com as iniciais OLN, onde Kyle destrancou a

porta da frente e todos entraram.

— Bem-vindos aos nossos escritórios — disse Kyle. — Como podem ver, nossa

organização não é exatamente rica.

O escritório, localizado no andar de cima, era decorado com mobília velha, vários

computadores de primeira geração, uma velha impressora, uma máquina copiadora das mais

antigas e montanhas de livros, jornais, folhetos e panfletos. No canto havia uma velha

televisão e Um aparelho de videocassete.

— Podem sentar-se e preparar-se para o espetáculo — disse Kyle, colocando uma fita

no aparelho. — Eu darei as informações. Talvez meu amigo Red também queira dizer alguma

coisa. Mas é mais certo que não. Red acredita em ação, não em palavras.

Mulder e Scully sentaram-se e Kyle começou a rodar a fita.

Na tela apareceu um elefante. Uma de suas presas estava acorrentada ao chão,

forçando o animal a permanecer de joelhos. Sua grande cabeça e a tromba estavam torcidas

de lado, encostadas ao chão. Dois homens o cutucavam por trás, com longas varas.

— A corrente no chão é chamada de cabresto — informou Kyle. — É um dos aparelhos

prediletos de Meecham. É assim que ele trata estes magníficos animais. Viu como ama os

bichos? A única coisa que ele ama é seu poder sobre os animais — Kyle congelou o quadro e

disse: — Queria saber do que Ganesha estava fugindo? Pois dê uma boa olhada. Queria saber

o que ela estava procurando? Procure no dicionário. A palavra é liberdade.

— Ainda aplicam esse tipo de tratamento? — perguntou Mulder.

— Meecham é um bárbaro! — exclamou Kyle. — Faz muitos anos que vem torturando

os animais, no Zoológico de Fairfield. Temos certeza de que ele ainda faz isso.

— Quer dizer que tem provas? — perguntou Scully, virando o rosto para olhar para

Kyle.

Mas seus olhos encontraram os de Red, cheios de frieza e ódio. Ela sentiu um calafrio.

Não precisava ouvir o garoto dizer uma palavra para perceber que ele estava disposto a fazer

qualquer coisa em nome de sua causa. Seu olhar era o de uma pessoa fanatizada.

— Não se preocupe — disse Kyle. — Ainda obteremos as provas.

— Talvez não — observou Mulder. — Conversamos com Willa Ambrose. Ela disse que já

deu fim à maior parte das antigas práticas de Meecham.

— Willa Ambrose? — repetiu Kyle, com um sorriso sarcástico. — Está ocupada demais

com outras coisas para ficar de olho em Meecham.

— Que outras coisas? — perguntou Scully.

— Com um processo em que se meteu — informou Kyle.

— Contra quem? — perguntou Mulder.

— Contra o governo de Malawi, na África.

— Qual a razão desse processo? — perguntou Scully.

— Sophie.

— Sophie? — perguntou Scully.

— Sophie é uma gorila — explicou Kyle. — Willa a salvou de uma jaula na alfândega de

um país do norte da África há dez anos. Os contra-bandistas estavam tentando mandá-la para

um zoológico na Europa. Eslava quase morta por causa dos maus-tratos e Willa cuidou dela,

fazendo com que recuperasse a saúde, carinhosamente, como se fosse uma criança. E, agora,

as pessoas de Malawi descobriram onde ela está e a querem de volta. Dizem que estão

terminando de construir um santuário para a vida selvagem e querem dar um lar a Sophie. Na

verdade o que querem é uma atração turística. Azar de Willa. Ela ama aquele animal.

Mas a voz de Kyle não irradiava compaixão. Muito pelo contrário.

— E você acha que Malawi vai vencer na Justiça? — perguntou Mulder.

Kyle encolheu os ombros e respondeu:

— Que importa? Seja qual for o resultado, esse caso é um perfeito exemplo das coisas

que os humanos fazem com os animais. Nós os transformamos em objetos, para nosso próprio

prazer egoísta.

— Mas ouvi você dizer que Willa salvou aquela gorila — disse Scully.

Kyle balançou a cabeça e disse:

— Salvou para que Sophie pudesse passar o resto da vida atrás das grades. O que ela

devia fazer era devolver o animal à selva, porque todos os animais deveriam viver em

liberdade.

Scully já estava ficando cansada de Kyle Lang. Defender uma causa justa era uma

coisa, no entanto tentar parecer um santo em carne e osso era outra. Com um tom de

irritação na voz ela perguntou:

— Deveriam viver em liberdade mesmo que isso signifique matar um homem,

pisoteando-o?

Scully não se arriscou a olhar para Mulder, ao sugerir que Ganesha poderia ser a

assassina, porque não queria ver o brilho de satisfação nos olhos do parceiro. Já conhecia bem

esse brilho e não desejava ter de acabar sempre concordando com as teorias dele.

— Talvez fosse melhor o cara sair do caminho — disse Kyle, ainda com aquele irritante

ar de autoconfiança.

— Ele teria feito isso se tivesse visto o animal — disse Mulder, baixinho, como se

estivesse falando consigo mesmo.

Levantou-se, dando por encerrada a entrevista, e disse:

— Obrigado por sua ajuda, senhor Lang. Voltaremos a falar com o senhor.

Quando chegaram lá fora, Mulder disse à sua parceira: — Acho que estamos

esquentando. Seja o que for que estiver acontecendo, o palco dos acontecimentos é o

zoológico.

— E agora também já sabemos quem comanda o espetáculo — disse Scully.

— O senhor Lang e a sua OLN? — perguntou Mulder. — Acha que foram eles que

libertaram o elefante?

Scully percebeu o tom de zombaria na voz de Mulder e respon-deu com um ar de

aborrecimento:

— Você ouviu o que Kyle disse? Que todos os animais deveriam viver em liberdade?

Estou falando de fatos que nem você pode negar!

— E como explicaria os outros fatos? — perguntou ele. — Os depoimentos das

testemunhas? E as gravações feitas pelas câmeras da segurança do banco? E como explica o

fato de ninguém ter visto o elefante até que estivesse a muitos quilômetros de distância do

zoológico?

Scully recordou rapidamente os principais pontos do relatório da I polícia local. Depois

disse:

— As luzes acesas no local onde trabalhava o pessoal da constru-tora da estrada eram

de vapor de mercúrio, com dez mil velas. Em ou-tras palavras, capaz de cegar um indivíduo,

mais do que suficiente para prejudicar sua capacidade para ajustar a vista ao escuro. E as

câmeras de segurança do banco são de baixa qualidade óptica. Um elefante cinzen-to talvez

não tivesse ficado registrado na fita magnética. Especialmente com a iluminação pobre que

havia na frente do banco.

Mulder não parecia estar convencido.

— Não sei, Scully, não sei — disse ele. — Aqueles caras falam de um modo bastante

ameaçador, embora ache que a conversa deles é só isso: ameaça.

— Aqueles sujeitos vivem apenas para criar esse tipo de confusão — insistiu Scully. —

Não vai querer me convencer de que Kyle Lang não seja dedicado ao movimento de corpo e

alma. E por acaso vo-cê deu uma boa olhada naquele garoto, o tal de Red? Parecia disposto a

atropelar a própria mãe para salvar um esquilo, sem falar no fato de terem alguns

equipamentos de alta tecnologia, apesar de chorarem miséria. Por acaso notou também

aquela câmera de visão infravermelha que estava na estante?

— Por falar em espionar à noite... — disse Mulder, olhando pa-ra cima.

Scully seguiu o olhar dele, até encontrar Kyle e Red, que estavam na janela do andar

de cima, observando cada movimento dos agentes. Tinham expressões severas e o olhar

intrigado. Sua tese de meiguice e bondade parecia não ser extensiva ao FBI.

Scully e Mulder desceram caminhando pela rua e viraram a esquina.

Assim que se afastaram o bastante, Scully parou e disse:

— Não me surpreenderia se eles decidissem continuar o espetáculo.

— De que maneira? — perguntou Mulder.

— Libertando outro animal — respondeu ela. — Willa Ambrose disse que o zoológico

está enfrentando dificuldades financeiras, portanto a perda de outro animal importante

poderia forçar o zoológico a fechar as portas para sempre. A OLN faria um desfile na rua para

comemorar isso.

Mulder parou um instante para pensar, depois disse:

— Talvez tenha razão. Por que não fica de olho na OLN? Se notar qualquer movimento,

ligue para o meu celular. Vou apanhá-lo no carro.

— Mas, e você? — perguntou ela. — Aonde vai?

— Conversar com os animais! — disse Mulder.

Capítulo 7

Chamavam-se Frohike, Byers e Langley, mas apelidaram-se os Pistoleiros Solitários.

Sua meta era atirar contra as mentiras oficiais e expor falcatruas.

Recusavam-se a acreditar no governo e passavam a vida procu-rando pela podridão

escondida nos túmulos caiados.

A imprensa os chamava de "alucinados pela conspiração", indivíduos excêntricos que

imaginavam a presença do mal em tudo.

Fox Mulder os chamava sempre que precisava de informações que não conseguia obter

em parte alguma.

Ligou para eles de uma sala de conferências de altíssima tecnolo-gia em Fairfield.

Era parte de um novo e reluzente centro de comunicações e có-pias fotostáticas da

cidade.

A tecnologia estava em toda parte.

Até mesmo em Idaho.

Do outro lado das paredes de vidro daquela sala Mulder podia ver os estudantes e

outras pessoas colocando documentos nas máquinas copiadoras.

Nem pareciam notar a presença dele, sentado diante de uma grande tela de vídeo,

discando o número que os Pistoleiros Solitários lhe haviam fornecido.

— Bingo! — disse ele consigo mesmo, quando a imagem de dois homens se acendeu na

tela.

Ali estava Frohike, com seus cabelos cortados à escovinha, sua ca-misa do tipo

combate militar e o relógio fornecido pelo Corpo de Fuzileiros Navais. Com ele estava Byers,

com a aparência de vendedor de seguros, vestindo uma camisa social branca e gravata

listrada⁴.

— Acionar o teletransporte, Scotty⁵ — disse Frohike, brincando.

Era o início típico de uma tradicional conversa com os Pistoleiros: estranha, ligada e

fora do comum.

Mulder entrou na conversa sem perder o embalo.

— Alguém já lhe disse que você é muito fotogênico, Frohike?

— Sim — respondeu Frohike —, os policiais que me prenderam da última vez que

participei de uma manifestação de protesto.

— Então, quanto os contribuintes estão gastando para você falar aí, Mulder? —

interrompeu Byers.

— Cento e cinqüenta dólares por hora — respondeu Mulder.

— Aaii! — gritou Frohike. — Quase tanto quanto o presidente gasta pra cortar o cabelo.

Mas é mais barato do que um daqueles assen-tos sanitários que a Nasa usa. Mesmo assim,

vou me lembrar disso quan-do fizer minha declaração de renda no ano que vem.

Mulder não conseguiu resistir a uma pergunta:

— E quando foi a última vez que fez isso?

— Desculpe, mas isso é informação confidencial — respondeu Frohike. — Eu trabalho

para os federais, como você bem sabe...

— A propósito, onde está Langley? — perguntou Mulder.

Langley era o terceiro Pistoleiro Solitário.

— Sentado bem aqui ao nosso lado — respondeu Byers. — Pa-rece que ele não gosta

muito da idéia de ter sua imagem lançada ao ar pelos satélites. Ninguém sabe quem poderia

estar olhando. Nada pes soal, entende?

— Voltando ao assunto, Mulder — disse Frohike —, o que está fazendo em Idaho?

— Trabalhando, pra variar — respondeu Mulder. — O que vocês sabem sobre a cidade

de Fairfield?

4. Mulder e, mais tarde, também Scully utilizam Langly, Byers e Frohike como fonte de informações principalmente

sobre atividades governamentais, já que eles acreditam na existência de uma conspiração dirigida para acobertar

informações, especialmente sobre ovnis. (N.E.)

5. "Beam me up, Scotty": a frase com que o capitão Kirk, da série Star Trek, ordenava ao engenheiro Scotty que o

transportasse de volta à nave Enterprise se tornou linguagem comum nos Estados Unidos. (N.E.)

— Fairfield, Fairfield... — resmungou Byers. — Vamos ver. Não tem nenhuma fábrica de

gás venenoso, nem silos de mísseis nucleares. E não é lugar de depósito de lixo atômico. Mas

a cidade tem um zoológico legal. Muita coisa estranha acontece por aí. Animais que escapam e

desaparecem, sem deixar rastro.

— Têm alguma idéia sobre como e por que isso acontece?

— Você não está muito longe da Base Aérea Mountain Home

— sugeriu Frohike, com um brilho intenso nos olhos.

— E o que exatamente significa isso? — perguntou Mulder.

— É lugar de muita atividade de ovnis — respondeu Frohike.

— Tenho uma informação estranha aqui, Mulder — disse Byers. — Nenhum animal do Zoológico de Fairfield já deu cria.

— Nenhum filhote de animal ou ave — emendou Frohike.

— É um grande mistério — acrescentou Byers. — E sei quem poderia ajudar você a encontrar as respostas.

— Quem? — perguntou Mulder.

— A mulher que dirige o zoológico tem uma gorila chamada Sophie — informou Byers.

— O animal sabe comunicar-se através da linguagem de sinais e tem um vocabulário de mais de mil palavras. Uma coisa interessante sobre os gorilas: ao contrário dos humanos, eles sempre dizem a verdade.

Naquele momento tocou a campainha do telefone celular de Mulder.

— Esperem um instante, amigos. Estão me chamando — disse ele «os dois que

estavam na tela.

— Se for a adorável agente Scully — disse Frohike —, pode in-formar que tenho

malhado bastante. Estou em forma.

— Certo — disse Mulder. — Aposto que ela vai gostar de saber. O duro vai ser

convencê-la de que você não é louco.

— Mas esse é seu trabalho, Mulder — disse Frohike.

— Vou colocar o seu pedido na minha lista de tarefas... Mas, ago-ra, o dever me

chama. Desculpem, por favor.

E ele atendeu o telefone.

— Mulder, sou eu — sussurrou Scully ao telefone. Estava escon-dida nas sombras de

uma rua, perto do zoológico.

— Que aconteceu? — perguntou Mulder.

— Eu tinha razão — respondeu ela. — Segui o garoto desde a se-] de da OLN até o

zoológico.

— Red? — perguntou Mulder.

— O próprio. Está pulando a cerca neste instante.

— Estou a caminho — disse Mulder. — Não saia daí.

— Negativo — respondeu Scully. — Vou atrás dele. Quero descobrir o que esse sujeito

pretende fazer.

— Espere... — começou Mulder. Mas lembrou-se de que não adiantava discutir com

Scully quando ela se dispunha a fazer um trabalho. A única coisa que conseguiu dizer foi: —

Tenha cuidado, parceira.

— Tchau, Mulder — disse ela, desligando.

Agindo rapidamente, ela foi para a cerca que Red tinha acabado de pular e também

pulou. Às vezes parecia chato e cansativo malhar na academia, mas naqueles momentos

Scully via como era bom estar em forma.

Ela viu o garoto de novo, nas dependências do zoológico. Carregando uma mochila nas

costas, ele estava escalando a muralha de pedras de um cercado de animais. Scully tinha de

reconhecer: o rapazinho sabia como escalar pelas pedras.

Mas ela também sabia. Deixou que ele terminasse de subir e foi para a base da

muralha. Fez um rápido aquecimento muscular para a subida.

Aí parou, como uma estátua, ao sentir uma mão que a agarrava brutalmente por trás,

forçando-a a se virar.

— Que diabos você pensa que está fazendo? — perguntou Ed Meecham. Ele a mantinha

segura pelo ombro, com uma das mãos. Na outra mão tinha um ameaçador bastão de ferro e,

pelo olhar furioso que ele lhe lançava, Scully viu que Meecham não hesitaria em usar aquela

arma.

— Um dos membros da OLN acaba de invadir a propriedade — informou ela.

Os olhos de Meecham se apertaram e ele segurou com mais força o bastão de ferro.

Parecia um animal selvagem farejando a presa.

— Vamos! — disse ele a Scully. — Vamos chamar Willa Ambrose.

Quero que ela me veja agarrar esse sujeito. Talvez entenda que a lei da selva ainda

não foi revogada. Às vezes temos de agir com firmeza.

— Ela está por perto? — perguntou Scully.

— Aqui pertinho — respondeu Meecham. — Está na sua casinha de brinquedo, com a

amiguinha gorila, como sempre.

Meecham levou Scully por uma trilha, até um prédio de concreto sem janelas. Na porta

havia uma placa, onde se lia, com letras garrafais:

ANIMAL DOENTE

ENTRADA PERMITIDA APENAS

A FUNCIONÁRIOS AUTORIZADOS

— Animal doente... — resmungou Meecham. — A única que es-tá doente por aqui é ela.

Ele abriu a porta sem bater e os dois entraram.

Lá dentro só existia uma lâmpada acesa. Num dos cantos havia uma grande jaula de

ferro, com a porta aberta, e perto da jaula havia uma cama de campanha, onde Willa Ambrose

estava sentada, tendo ao seu lado uma gorila enorme.

Willa comunicava-se com o animal, em linguagem de sinais, e pararam quando viram

Meecham e Scully entrar.

— Tudo bem, Sophie — disse Willa, acalmando o animal. E vol-tando-se para os

intrusos, ameaçou: — Meecham, já lhe disse que nunca entre aqui, a menos que haja uma emergência.

— Sim — respondeu Meecham, com ar triunfante. — Acontece que há uma...

Foi tudo o que ele conseguiu dizer.

O rugido de um tigre estremeceu a noite.

E todo o zoológico despertava, enquanto Sophie saltava de cima da cama de campanha

e corria para sua jaula.

Panteras e leões passaram a rugir também. Os pássaros e os macacos gritaram, os

lobos uivaram e as hienas deram sua risada ma-cabra. De repente o zoológico parecia um asilo

de animais enlouquecidos.

— Temos de descobrir o que está acontecendo! — disse Willa.

E saiu rapidamente porta afora. Scully foi obrigada a reconhecer: Willa não

demonstrava a menor sombra de medo.

Com o bastão de ferro em punho, Meecham foi atrás.

E Scully seguiu os dois.

Não sabia o que eles iriam enfrentar, mas tinha certeza de duas| coisas.

O jovem Red estava envolvido.

E o que estava por acontecer não seria nada bom.

Capítulo 8

Red sempre tinha gostado de animais. Quando criança vivia recolhendo cães e gatos

abandonados, criando discussões com a mãe para poder ficar com os bichos. Havia curado

inúmeros passarinhos feridos, e sentira enorme alegria ao vê-los sair voando a liberdade. E

tinha ficado doente durante vários dias, quando seu pai o levava para caçar alces na floresta,

pela primeira e última vez na vida.

Ficava furioso sempre que via alguém maltratando um animal; sentia-se torturado toda

vez que via um bicho na jaula.

Ele e a OLN eram feitos um para o outro. Não tinha conseguido Convencer sua mãe a

aceitar todos os cães e gatos que ele apanhava na rua, tampouco havia sido capaz de impedir

seu pai de matar os animais da floresta. Mas pretendia fazer de tudo para mostrar ao mundo

que os animais devem viver sadios e em liberdade.

Estava ansioso por fazer o seu trabalho naquela noite.

Descendo do outro lado da muralha de pedra, ele enfiou a mão na mochila e tirou uma

câmera de vídeo dotada de lentes infravermelhas. Era um excelente equipamento, bem mais

caro do que os existentes na OLN, pois a associação não tinha condições de pagar, mas Red

era um rapaz de mãos leves. Não que gostasse de roubar, mas os direitos dos animais eram

muito mais importantes para ele do que qualquer lei humana ou ser humano.

Uma vez dentro do cercado, ele foi rapidamente para a jaula que ficava junto ao muro

do lado oposto. Olhou para dentro: os olhos amarelos do enorme tigre de Bengala estavam

arregalados e fixos nele. O grande felino parecia tenso, observando cada movimento do es

tranho intruso.

— Oi, tigre. Um rugido aqui para a câmera... — sussurrou Red.

Apontou para o aparelho e apertou o botão "Start". Sua filmagem daquela noite iria

capturar a visão cruel do magnífico gato selvagem em seu cativeiro. Abriria os olhos do mundo

para todo aquele horror.

De repente o tigre e a jaula começaram a balançar diante dos seus olhos.

Ondas de calor, como aquelas que se levantam no meio do deserto, faziam seus olhos

lacrimejarem. O tigre e a jaula pareciam estar derretendo.

Red piscou e esfregou os olhos. Tentou focalizar a vista... e foi ce-gado pelo branco

intenso da luz que explodia.

A luz diminuiu de intensidade e ele recuperou a visão.

Seu queixo caiu.

A jaula estava vazia.

— Onde está o... — começou ele a balbuciar.

De trás dele partiu um rugido assustador.

Um rugido de tigre.

Red virou os dois pés e viu... nada.

"O animal saiu de algum modo", pensou ele; "deve estar escondido no escuro. Não

sabe que eu sou seu amigo. Tenho de cair fora daqui antes que..."

Esse foi o último pensamento que teve, antes que uma força es-magadora o derrubasse

ao chão.

Foi como se tivesse sido atropelado por um carro.

Mas ainda não via coisa alguma. Nada, exceto a luz vermelha da câmera de vídeo,

caída no chão. Tinha caído de sua mão, mas ainda estava gravando.

Aturdido, ele conseguiu sentar-se. Sentia uma dor horrível no peito. Olhou para baixo e

viu que sua camisa estava rasgada. Ele pôs a mão no buraco e, para seu espanto, ela saiu

coberta de sangue.

Então ouviu outro rugido, ainda mais forte do que o primeiro.

Red cambaleou e seu corpo começou a tombar para trás.

E recebeu outro golpe.

Dessa vez não se levantou. Pelo menos, não sozinho.

Foi erguido do chão como uma boneca quebrada e lançado ao ar.

Seu corpo caiu, foi apanhado de novo e atirado uma vez mais.

E outra.

E mais outra.

Até que acabou a hora da brincadeira.

Quando então Red caiu e não se moveu mais.

Era desse jeito que estava quando Willa, Meecham e Scully o encontraram. O sangue

que corria do rosto e do peito brilhou à luz da lanterna de Meecham.

— Meu Deus! — exclamou Willa. — Pobre garoto.

— Acho que ele descobriu que o tigre não é um filhotinho de ga-to — disse Meecham.

Scully balançou a cabeça. Já vira muitos cadáveres em sua carrei-ra, mas aquele era

um dos piores.

No meio da escuridão, a voz de Mulder perguntou:

— O que aconteceu? — ele se abaixou e olhou para o corpo de Red, depois disse a

Scully: — Desculpe o atraso. Vim o mais rápido possível.

— Duvido que pudesse ter feito algo para impedir — disse Scully. - As coisas

aconteceram depressa demais. Queria dar ao rapaz toda cor-da possível para se enforcar,

porém não era isso que eu tinha em mente.

— Nada mais podemos fazer, a não ser chamar a polícia — disse Willa. — E tentar

evitar os repórteres.

— E também temos de caçar um tigre que está em liberdade — disse Meecham. — Não

se esqueçam disso.

— Há outra coisa também a ser feita — lembrou Scully. — E acho que a polícia vai

concordar.

— O que é? — perguntou Mulder.

— Fazer uma visitinha ao senhor Kyle Lang.

Scully sentira antipatia à primeira vista por Kyle Lang.

E gostou menos ainda dele, quando foi visitá-lo uma vez mais.

Dissera a Mulder que o prazer seria todo seu em fritar o líder da OLN, ao que Mulder lhe

desejara que se divertisse muito, enquanto ele próprio iria investigar outra coisa.

Kyle manteve a mesma expressão neutra quando Scully apareceu no escritório da OLN,

acompanhada de dois assistentes do xerife. Ficou sentado à mesa, com o corpo apoiado no

espaldar da cadeira, enquanto Scully o interrogava. Parecia até meio aborrecido.

— O que Red foi fazer no zoológico? — perguntou ela.

— Não sei do que está falando — respondeu Kyle.

— Não tem a mínima idéia do que ele estava fazendo?

— Não tenho a mínima idéia.

Scully mostrou a ele a câmera de vídeo encontrada no local onde Red tinha morrido.

— E se eu dissesse que vi esta câmera na sua estante, ontem? — perguntou ela.

— Acho que eu nunca a tinha visto antes — afirmou Kyle, com naturalidade.

Scully teve de fazer força para dominar o ódio que estava sentindo.

— Um tigre desapareceu e um membro de sua equipe está morto. Para um homem que

se diz tão cheio de bondade, você está se mostrando totalmente despido de emoção.

Kyle sacudiu os ombros.

— Se o tigre matou tal pessoa foi um ato natural. Scully arregalou os olhos para ele.

— Se eu encontrar provas de que Red estava libertando os animais por ordem sua —

ameaçou ela —, vou fazer tudo o que puder para que você seja preso e passe o resto da vida

numa jaula.

Kyle enfrentou o olhar dela, sem ao menos pestanejar. Scully já vira pessoas frias, mas

aquele sujeitinho era um verdadeiro iceberg.

Ela ainda estava tentando encontrar um modo de vencer a resistência dele quando

Mulder entrou na sala.

Carregava uma sacola que usava para guardar provas. Apontou para a sacola e fez um

sinal para que Scully o seguisse.

— Pois bem, rapazes — disse ela aos policiais que a acompanha-vam. — É sua vez.

Vamos ver se conseguem fazer este sujeito dizer alguma coisa.

Ela saiu da sala com Mulder e os policiais tomaram seu lugar no interrogatório.

— Aquele sujeito tem o dom de me irritar — queixou-se ela a Mulder, com os punhos

cerrados.

Mulder olhou para as mãos de Dana e perguntou:

— Você está bem, Scully?

Ela respirou fundo, soltando o ar bem devagar, relaxou as mãos, dizendo:

— Sim, estou bem.

— Já se acalmou?

— Sim, sim. Já entendi o que está falando — disse impaciente. — Pode ficar sossegado,

que vou agir friamente, como agente que sou. Agora, diga o que houve, encontraram o tigre?

— Não — informou Mulder. — Mas assisti à fita que saiu da câ-mera de Red. O aparelho

estava ligado quando ele foi morto e mostra que ele não morreu nas garras de um tigre.

— O quê? — exclamou Scully.

— A menos que a gravação tenha sido feita com muitos truques de filmagem, o rapaz

foi morto por algum tipo de fantasma invisível.

— Mas você também viu o cadáver, Mulder! — protestou ela. — O jovem foi espancado

até a morte! Tinha enormes arranhões no peito e nas costas. Tinha de ser um tigre!

— Não sei como explicar as coisas, Scully — disse Mulder. — Mas acho que conheço

alguém que sabe.

— Quem?

— Quer me dizer que ainda não adivinhou?

— Não — disse Scully. — Por que você não me conta?

Mulder sorriu:

— Não quero estragar a surpresa

Capítulo 9

— Acho que a encontraremos aqui — disse Mulder.

Ele e Scully pararam diante da porta onde havia uma placa com os dizeres: **ANIMAL**

DOENTE. ENTRADA PERMITIDA APENAS A FUNCIONÁRIOS AUTORIZADOS.

— Então você acha que Willa Ambrose anda escondendo informações? — perguntou

Scully.

A única resposta dele foi um largo sorriso. Ele levantou a mão pa-ra bater à porta.

Antes que ele batesse, Scully perguntou:

— Poderia me dizer por que pensa assim, Mulder? Pode dizer que eu insegura, mas

quando vou visitar um suspeito eu quero saber por quê.

— Vai descobrir daqui a pouco — garantiu Mulder. Uma vez mais ele levantou a mão

para bater à porta.

Antes que o fizesse, a porta se abriu e Willa Ambrose apareceu do outro lado. Estava de

saída e, quando deu com os dois, seu corpo pare-ceu paralisar.

— Senhorita Ambrose, podemos conversar um pouco? — perguntou Mulder,

gentilmente.

— Não sei nada além de tudo o que já declarei à polícia — foi en-tão logo dizendo. —

Não tenho mais nada a falar.

— Acho que é aqui que a senhorita mantém Sophie, sua gorila, não é? — disse Mulder.

— Sophie está doente — disse Willa. Demonstrava querer que a conversa terminasse

logo.

— Podemos vê-la? — pediu Mulder. Willa nada disse. Mas seu olhar hostil foi bastante

eloqüente. E Mulder arrematou: — Não viemos aqui com a intenção de levá-la.

Willa fixou os olhos em Mulder, mordeu os lábios, hesitante.

— Está bem, entrem — concedeu ela, levando Mulder e Scully para perto da jaula da

gorila.

Sophie estava agachada na parte detrás da jaula, e olhou desconfia da para os

visitantes. Era a primeira vez que Scully tinha oportunidade de olhar bem para ela e ficou

imaginando como uma criatura tão grande e forte como aquela podia parecer tão

amedrontada. Principalmente por que Sophie já devia estar bastante acostumada aos seres

humanos.

— Há seis semanas eu tive de tirá-la de junto do público — in-formou Willa, como se

estivesse lendo a mente de Scully. — Estava muito retraída e deprimida. Ficava o tempo todo

encolhida no fundi da jaula, tremendo.

— Você, por acaso, perguntou por quê? — indagou Mulder.

Scully arregalou os olhos para Mulder. As perguntas dele eram sempre estranhas, mas

aquela tinha batido o recorde da estranheza. Willa não pareceu estranhar, tanto que

respondeu com naturalidade

— Perguntei a ela muitas vezes.

— E o que ela diz? — perguntou Mulder.

As mãos de Willa fizeram alguns movimentos rápidos e ela tradu-ziu os sinais:

— "Medo luz". O que significa que ela tem medo da luz.

— Ela fala com você! — exclamou Scully.

— Mais de seiscentas palavras, usando a linguagem dos sinais -explicou Willa. — E

entende mais de mil palavras.

Willa apanhou algumas folhas de papel sobre sua mesa e as entre-gou a Scully,

dizendo:

— Talvez ache isto interessante. E um recente artigo que fala j respeito do assunto.

Scully leu-o rapidamente. Ele descrevia pesquisas realizadas em várias partes do

mundo, com gorilas que de fato conseguiam entender a linguagem dos sinais.

Ela tirou os olhos do papel e viu Mulder rindo de novo. Agora ela entendia por quê.

— É com ela que você queria falar? Com a gorila? — perguntou ela.

— Minha sugestão é que você leia de novo o seu manual do FBI, Scully. É uma regra

básica: "questionar todas as testemunhas possíveis".

— Sim. Mas uma gorila? — perguntou Scully. — O que poderia a gorila nos dizer?

— Talvez a senhorita Ambrose possa responder a essa pergunta.

— Os gorilas são criaturas extraordinariamente sensíveis — esclareceu Willa. — A

capacidade que Sophie tem de comunicar-se a torna mais sensível.

— Mas por que ela teria medo da luz? — perguntou Scully.

Willa olhou sério para Scully e perguntou:

— Vocês conversaram com Kyle Lang?

— Sim. Duas vezes — informou Scully.

— Então não adianta fazer mais rodeios — disse Willa. — Estou certa de que ele já os

deve ter informado sobre os meus problemas com o governo de Malawi. Existe a possibilidade

de Sophie ser levada embora para longe de mim. Acho que ela sabe disso e tem medo. Na

mente dela, talvez a África represente uma imagem de luz. Cada vez mais me admiro da

capacidade que Sophie tem de juntar as coisas.

Scully olhou de novo para a gorila, que permanecia agachada no fundo da jaula. Pela

primeira vez Scully notou como eram alertas os olhos da gorila, como pareciam compreender

tudo o que estava acontecendo. Scully ainda não acreditava que os animais pudessem pensar,

por outro lado, não tinha absoluta certeza de que eles não pensassem.

— É uma possibilidade — acabou admitindo.

Ela se voltou para ver se Mulder concordava, mas a atenção dele estava em outro

lugar, examinando alguns desenhos feitos a lápis, de-
pendurados numa parede. Pareciam ter

sido produzidos por uma criança em idade pré-escolar.

— Por acaso foi Sophie quem desenhou isso? — perguntou ele.

— Sim — admitiu Willa. — Ela sempre gostou de desenhar, em-bora faça algum tempo

que não desenhe. Aliás, desde que ficou doente.

— Figuras interessantes — admirou-se Mulder. — Ela parece re-petir sempre o mesmo

padrão: uma pequena bola marrom dentro de um círculo. Tem idéia de qual seria o significado

desse tema?

— Não estou lá muito certa — respondeu Willa —, mas tenho uma pista. Até há pouco

tempo, Sophie queria desesperadamente um filhote. A bola marrom dentro do círculo era sua

maneira de demonstrar isso.

— Alguma vez tentou cruzá-la? — perguntou Mulder.

— Andei procurando por um macho compatível com ela — dis-se Willa —, mas aí o

governo de Malawi entrou com o processo na Justiça. Com toda a pressão sobre Sophie, achei

que não era uma boa idéia cruzá-la. Decidi deixar o projeto em banho-maria, até que tudo

ficasse resolvido.

Mulder balançou a cabeça. Seu olhar não se afastava de Willa, es-tava atento a cada

palavra que ela dizia.

— Deixe-me ver se entendi direito — recapitulou ele. — Sophie dava fortes sinais de

que queria ter um filhote. Aí parece que mudou de idéia. E, ao mesmo tempo, começou a se

assustar com al-gum tipo de luz.

— Isso mesmo — concordou Willa. — Sua vontade de tornar-se mãe foi bastante

reduzida por causa de algum tipo de estresse.

— Sei, sei — disse Mulder. — Pelo menos é uma explicação, uma dentre muitas — fez

uma pausa para pensar e depois prosseguiu: — Fui informado de que nunca houve nascimento

de nenhum tipo de filhote aqui no Zoológico de Fairfield.

— Eu sabia que Kyle Lang lhe daria todas essas informações — disse Willa, fazendo

uma careta.

— Então é verdade? — perguntou Mulder.

— Sim — respondeu ela. — Mas não acho que seja pelas razões que Kyle alega. Não é

por nada que Ed Meecham possa ter feito aos animais.

— Por quê, então? — insistiu Mulder.

— Sempre é muito difícil para um animal ter filhotes enquanto está no cativeiro.

— Mas isso ocorre em cem por cento dos casos? — perguntou Mulder com curiosidade.

— Eu sei que não faz sentido — disse Willa. — Essa foi uma das tarefas que eu recebi,

ou seja, reverter essa tendência. Exatamente para isso é que eu fui contratada.

Mulder balançou a cabeça e Scully notou um brilho velho conhecido seu nos olhos do

parceiro e redobrou sua atenção nele, enquanto I continuava seu interrogatório.

— Alguma vez foi feita uma tentativa de cruzar Ganesha? — indagou Mulder.

— Não — admitiu Willa. — O cruzamento de elefantes fora de seu hábitat raramente dá

resultado. Só ocorreram seis nascimentos de filhotes de elefantes em cativeiro nos últimos

dez anos.

Scully notou que o rosto de Mulder parecia se acender, e já se deparou para o que

vinha, muito embora não tivesse como saber o que I estava pensando. Mas, por sua

experiência, sabia que devia estar sempre preparada para qualquer coisa.

— Vocês têm um veterinário aqui? — perguntou Mulder.

— Claro — respondeu Willa. — Temos um excelente hospital ve-terinário, e uma das

primeiras coisas que fiz foi remodelar completa-mente o nosso centro veterinário.

— Senhorita Ambrose — começou Mulder —, tenho um pedido estranho a fazer, mas

que poderá explicar o que anda acontecendo aqui.

Voltou-se para Scully e disse:

— Vou precisar de sua ajuda também. Prometo que vai ser um de-safio interessante

para as suas habilidades.

Scully nunca havia visto Mulder com uma expressão tão ansiosa.

— Aposto que vai! — disse ela.

Capítulo 10

— Mulder, isso não faz parte das minhas atribuições — contra-riou-se Scully.

Ela usava uma roupa protetora de plástico, com capuz e tudo. Uma máscara cirúrgica

dependurada ao pescoço e um bisturi na mão. A lâmina brilhava nas ofuscantes luzes da sala

de cirurgia.

— Alguém esqueceu de lhe dar essa atribuição — disse Mulder. — Você tem tudo o que

é necessário para o trabalho: é formada em Medicina, é uma cientista, o que seria preciso?

— Um diploma de sanidade mental — disse ela.

Mulder lhe dissera em segredo o que pretendia fazer, mas Scully Ainda não conseguia

acreditar:

— É a coisa mais maluca que você já me pediu para fazer, e olhe que você sempre me

pede coisas malucas.

Mulder ia começar a responder, mas sua voz foi sufocada por um zumbido que chegava

a machucar os ouvidos. Vinha de uma serra elétrica.

Os dois olharam para baixo, de cima do andaime onde se encontravam.

Embaixo deles havia um buraco.

O buraco estava bem acima do enorme corpo de um elefante. Um elefante morto.

Ganesha.

O barulho vinha de dentro do buraco. Parou depois de alguns instantes, e então

apareceu uma figura com macacão, máscara e capace-te de proteção.

— Então, como foi? — perguntou Mulder.

— Cortei as costelas — informou Willa Ambrose, enquanto colo-cava a serra de lado. —

Agora há espaço para nós duas, agente Scully.

Scully voltou-se para Mulder:

— Espero que você saiba o que está fazendo. Isto é, o que eu es-tou fazendo.

— Eu tenho quase certeza sobre o que vamos encontrar — respondeu Mulder.

— Quase não é suficiente para este tipo de trabalho — afirmou Scully. Ela suspirou e

disse: — Mas acho que não posso pedir mais do que isso.

De bisturi na mão, Scully desceu, então, para se juntar a Willa.

Trabalhando lado a lado, as duas começaram a usar seus bisturis dentro do elefante.

Pouco a pouco foram abrindo caminho até a parte] de trás do cadáver.

— Alegra-me saber que você conhece bem os animais — resmungou Scully para Willa,

enquanto abriam passagem. — Eu não gostaria de j me perder sozinha por aqui.

— Bem, de certo modo eu estou perdida — admitiu Willa. — Isto é, você me disse o que

está procurando, mas não tenho a mínima idéia do que espera encontrar — Willa enfiou o

braço na abertura que havia acabado de abrir e de dentro tirou um grande órgão, ainda com

sangue. Entregou-o a Scully, dizendo: — Talvez agora você possa me dizer o que espera

descobrir no útero de Ganesha.

— Não dá para adivinhar? — perguntou Scully.

— Bem, considerando as funções do útero, uma possibilidade! me vem à mente. Mas

não vou mencioná-la. É absurda demais para le-var a sério.

Uma hora mais tarde, no laboratório, Scully levantou os olhos do poderoso microscópio

e anunciou:

— Você tinha razão, Mulder!

Willa estava observando e perguntou:

— O que foi que você descobriu?

— Quer lhe dizer, Mulder? Ou prefere que eu diga?

— Você é a médica — disse Mulder.

— Ganesha esteve prenhe — informou Scully.

— Por que disse que ela esteve prenhe? — perguntou Willa.

— Porque já não estava mais prenhe no momento em que mor-reu — explicou Scully.

Willa tentou encontrar sentido em tudo aquilo.

— Então está me dizendo que ela não apenas esteve prenhe, mas que também deu

cria.

— Exatamente — confirmou Scully.

— Não posso acreditar — declarou Willa.

— Veja por si mesma — ofereceu Scully, dando o lugar para Wil-la ao microscópio. —

Vê os sinais do feto nas paredes do útero? É o lugar por onde o filhote saiu?

Willa ficou de olhos pregados no microscópio, depois disse:

— Não me interessa o que estou vendo! Só sei que é impossível!

— Claro que é — disse Mulder. — Mas um elefante invisível tam-bém é impossível. A

menos que estejamos preparados para ver as coisas a partir de um ângulo diferente.

— O que está acontecendo aqui? — quase gritando, Willa balan-çava a cabeça em sinal

de descrença.

— Seja o que for, já vem acontecendo há um bom tempo — dis-se Mulder. — E acho

que vamos encontrar o mesmo tipo de provas quando encontrarmos o tigre que desapareceu.

— Isso quer dizer que você já formou uma teoria sobre o caso? — arriscou Scully.

— Preciso, porém, de mais provas antes de oficializar minha tese - admitiu ele. — Você

conhece bem nossos chefes. Eles ainda acham casos como estes difíceis de engolir.

Willa estava completamente à margem da conversa.

— Por acaso isto é algum tipo de piada particular? — perguntou ela.

— Infelizmente não há nada de engraçado neste caso — afirmou Mulder.

De longe ouviram o barulho de sirenes, como se fosse um efeito sonoro, destinado a

ênfatizar o que ele dizia.

— Acho que houve um incêndio — disse Willa.

— Essas sirenes são da polícia — informou Scully.

— Você conhece esse barulho melhor do que eu — disse Willa. — É difícil ouvir sirenes

por aqui. Só que, ultimamente, as coisas andam tão estranhas...

— Por isso eu acho que devemos ir atrás da polícia — disse Mulder, já a caminho da

porta.

As duas quase precisaram correr para acompanhar o passo rápido das longas pernas de

Mulder, a caminho do carro que haviam alugado, estacionado fora do zoológico.

— Eu dirijo — disse ele a Scully.

Ao entrar ao lado dele, Scully disse a Willa:

— É melhor colocar o cinto bem apertado, mesmo aí atrás. Embora seja uma

autoridade, meu parceiro não é muito de respeitar os limites de velocidade.

Os cintos de segurança mal tinham sido colocados quando Mulder saiu com o carro,

queimando pneus. Arrancou do estacionamento e disparou no rumo do barulho das sirenes.

— Tem alguma idéia do que existe nesta direção? — perguntou ele para Willa. — Sabe

onde poderia estar o problema?

— O único lugar que me vem à mente é o novo shopping center — disse ela.

As sirenes estavam cada vez mais próximas.

Eles viraram uma esquina, abruptamente.

— Cuidado! — gritou Scully. Mulder já estava freando o carro.

Uma multidão de pessoas corria pela rua, na direção deles. Homens, mulheres e crianças, com expressões aterrorizadas.

— Vamos ver o que está acontecendo — disse Mulder.

Ele saiu do carro às pressas, com Scully e Willa bem atrás.

Quando saíram do carro, a maior parte da multidão já havia passado por eles.

Uma mulher com uma criança no colo parou para adverti-los:

— E melhor não ir nessa direção! Corram para lá, depressa!

Antes que pudessem começar a fazer perguntas, a mulher já estava correndo de novo.

No final da rua, de onde ela tinha vindo, havia dois carros da polícia, com as sirenes

disparadas e as luzes vermelhas piscando.

— O problema vem do shopping center — disse Willa. — Ao lado dos carros da polícia.

Mulder e Scully começaram a correr, com Willa acompanhando-os. Nos carros de

patrulha eles encontraram seis policiais, de arma em punho.

Scully olhou adiante, para o saguão do shopping, e sentiu um calafrio subindo pelo

corpo todo.

O prédio era recém-construído e tinha um cinema com seis salas de exibição, dezenas

de lojas com as vitrines cheias de todos os tipos de artigos, restaurantes e balcões de fast

food, oferecendo toda espécie de comida, desde mexicana até chinesa. Mas o lugar estava

vazio. Os únicos sinais de vida eram alguns pratos descartáveis e restos de lixo no pilo cor de

ferrugem. E o único movimento que se via era o das imagens das telas de TV ainda ligadas na

vitrine de uma das lojas. O cenário era assustador, silencioso como um cemitério.

— Para trás, moço — ordenou um dos policiais. — Esta área está interditada.

— FBI — informou logo Mulder. Ele e Scully mostraram seus distintivos.

— Qual é o problema, policial? — perguntou Scully.

— Nada que possa interessar ao FBI — respondeu um dos policiais.

— A menos que os federais estejam interessados em caçar tigres — acrescentou seu

parceiro.

Capítulo 11

— O tigre foi avistado! — exclamou Willa.

— A senhora já sabia a respeito dele? — perguntou o primeiro policial, incrédulo. —

Tenho de reconhecer que vocês, federais, são bem informados.

— Não trabalho com eles — disse Willa, apontando então pa-ra Mulder e Scully. — Sou

Willa Ambrose, diretora do zoológico. fui eu quem telefonou à polícia para informar que o tigre

havia es-capado.

— Ah, sim — respondeu o policial. — Tentamos falar com a senhora para obter maiores

detalhes. Mas não conseguimos encontrá-la. Onde esteve?

— Estava tratando de outro animal, no nosso hospital. Uma emergência — informou

Willa, tratando logo de mudar de assunto. — Quem foi que encontrou o animal fugitivo?

— Uma pessoa que estava comendo um Big Mac na área dos res-taurantes — informou

ele. — Disse que viu o tigre aparecendo do meio do nada, caminhando no meio das pessoas.

Imediatamente ligou para nós. Foi há apenas alguns minutos e, quando chegamos, o pânico já

havia tomado conta de todo mundo.

— Sim — admitiu Scully. — A multidão quase nos atropelou.

— Então deve ter sido a última leva de pessoas que procuravam escapar — disse o

policial —, porque demorou alguns minutos até a notícia correr por todo o shopping.

— E o tigre? Onde ele está agora? — quis saber Mulder.

— Bem que eu gostaria de saber — respondeu o policial. — Bloqueamos todas as ruas

que saem do shopping, mas talvez o animal já te-nha saído. Pelo que sei esses felinos andam

bem depressa.

— São bastante rápidos quando precisam — explicou Willa.

— Quando estão caçando...

ou fugindo.

— Vamos pegá-lo — prometeu o segundo policial. — E, quando o fizermos, estaremos

prontos para lidar com ele — acrescentou, aca-riciando seu rifle.

— A arma não vai ser necessária — garantiu Willa, abrindo sua grande bolsa de mão.

Scully tinha tentado imaginar por que ela precisava de uma saco-la daquelas. Teve sua

resposta, quando Willa tirou de dentro um enorme revólver.

— Obrigado por sua oferta, senhorita Ambrose — disse o policial, sorrindo —, mas

temos todo o armamento de que precisamos.

— Não estão entendendo — explicou ela. — Não devemos matar um animal só porque

ele está seguindo os seus instintos. Não é por culpa dela que está fora de seu hábitat natural.

E por nossa culpa e nós não vamos usar balas de rifle contra ela, entendido? Este revólver

atira dardos tranqüilizantes; a fêmea ficará fora de ação e não será ferida.

— Acha mesmo que isso vai adiantar? — disse o homem, cheio de dúvidas, apontando

para a arma de Willa. — Eu vi aquele animal no zoológico quando levei meus filhos lá. Aquilo é

um monstro!

— Eu sei que isto funciona, policial — garantiu Willa, com firmeza. — Já usei este

revólver antes.

O policial não parecia estar muito convencido.

— Bem, se a senhora garante...

— É engraçado — comentou o parceiro dele —, o cara do zoo-lógico não disse nada

sobre tranqüilizantes. Na verdade, ele até se ofereceu para nos ajudar na caçada, com sua

espingarda. Deixa eu ver, como era mesmo o nome dele?

— Meecham — disse Willa. — Ed Meecham. Ele trabalha no zoológico, mas sou superior

a ele. Sou a diretora geral do zoológico.

— Sim, senhora! — disse o primeiro policial.

— Mas vamos ficar de arma em punho, só como garantia — dis-se o outro.

Willa chegou a abrir a boca para continuar argumentando, mas o rádio do carropatrolha a interrompeu.

— Atenção, todos os carros! Atenção, todos os carros! — dizia uma voz feminina. —

Tigre avistado na esquina de Dumont com Spencer Tigre avistado na esquina de Dumont com

Spencer! Prossigam imediatamente para o local! Prossigam imediatamente para o local!

— Vamos! — disse o primeiro policial.

— Certo! — respondeu o outro. — Fica a vinte quadras daqui. Aquele tigre corre mais

rápido do que o vento!

Os dois policiais saíram correndo e entraram no carropatrolha.

— Podemos ir junto? — perguntou Mulder.

— Claro, tem lugar à vontade — disse o primeiro policial. Mulder, Scully e Willa

acomodaram-se no banco de trás, e Willa foi de revólver em punho.

Com as sirenes a todo volume, o carro de polícia juntou-se aos outros, idênticos, que

vinham de todos os lados da cidade.

— Chegamos! — disse o policial que estava ao volante. É aqui a esquina de Dumont

com Spencer.

Ninguém precisava ler as placas para se localizar. Pelo menos meia dúzia de carros da

polícia já estava lá, com as luzes piscando.

— Este barulho todo não é uma boa idéia — disse Willa. — O animal vai morrer de

medo, o que só vai dificultar nossa aproximação.

— Existe uma outra possibilidade — disse Scully. — Não sei se os tigres são muito

diferentes dos seres humanos, quando se sentem acuados. É fugir ou lutar. Ninguém sabe qual

vai ser a escolha deles.

— Uma coisa é certa — disse Mulder, olhando ao redor. — Dependendo da escolha que

fizer, o tigre tem espaço à vontade para se es-conder... ou para lutar.

A esquina de Dumont com Spencer era o local onde ia ser levan-tado um arranha-céu,

e um enorme buraco já tinha sido aberto no chão. Ali perto uma pilha de vigas de aço subia na

direção do céu, ligadas aqui e ali por pisos e tetos em construção. Os operários, com seus

capacetes de plástico, andavam de um lado para o outro, no meio da confusão. Pe-la amostra,

parecia a Scully que as autoridades de Fairfield não tinham muito preparo para enfrentar

situações de emergência.

— Isso mesmo — ela disse a Mulder. — Este é um lugar perfeito para um tigre, uma

verdadeira floresta erguida pelo homem.

Willa nada comentou, mas estava de prontidão com sua arma tranqüilizante, olhando

para todos os lados.

De repente, seu rosto empalideceu.

Ela foi na direção de um grupo de assistentes do xerife. Todos es-tavam de garrucha

em punho. Com eles estava Ed Meecham, e também! com sua espingarda de dois canos,

pronto para atirar.

Willa foi direto para Meecham.

— Guarde essa arma, Ed! — ordenou ela. — E pode dizer a to-dos esses mocinhos que

façam o mesmo.

Meecham continuou segurando sua arma e perguntou:

— Quer que mais uma pessoa seja morta, senhorita Ambrose?

— O animal pode ser capturado sem machucar ninguém — disse ela.

— Isso é o que você gostaria — respondeu Meecham.

— Como sua superiora, estou mandando que guarde a arma, Ed! — ordenou Willa. Sua

voz soava como um martelo batendo na bigorna.

Meecham ergueu o queixo, mas logo encolheu os ombros. Com um tom de sarcasmo na

voz ele respondeu:

— Pois não, senhora. A senhora é quem manda. Tudo bem.

Ela continuou com seu olhar severo. Depois dirigiu-se para o lo-cal onde eslava sendo

construído o prédio.

Um policial tentou fazer com que parasse, advertindo:

— O animal pode estar escondido em qualquer lugar, dona.

— Não se preocupe — respondeu Willa. — Tenho tudo o que preciso para cuidar dela.

O policial começou a correr atrás dela, mas Mulder o segurou. Mostrou seu distintivo do

FBI e disse:

— Não se preocupe, policial. A agente Scully e eu daremos o apoio de que ela precisa.

Mulder tirou seu revólver do coldre e Scully fez o mesmo. Foram os dois correndo atrás

de Willa.

— Quantos dardos essa arma comporta? — perguntou Scully, quando a alcançaram.

— Um — respondeu Willa.

— E vai ser suficiente? — perguntou Scully.

— Sim. Tem de ser.

Scully diminuiu o passo para ficar ao lado de Mulder e sussurrou:

— Sou a favor de salvar os animais, Mulder. Mas, só um dardo? Está entendendo o que

digo?

Mulder balançou a cabeça e, sem dizer mais nada, os dois destra-varam o pino de

segurança de suas armas.

De repente, um operário gordo e forte saiu correndo do edifício inacabado.

— O bicho está lá! — gritou ele, branco como uma folha de papel. Willa olhou para a

construção e levantou a arma de dardos.

— Acho que estou vendo a cauda! — exclamou ela. E correu pa-ra dentro do prédio,

desviando de uma enorme coluna de aço.

Seus movimentos rápidos e imprevisíveis tomaram Mulder e Scully de surpresa.

Quando tentaram segui-la, Willa já havia desaparecido no prédio.

Então ouviram a voz dela:

— Aqui!

Caminharam rapidamente por uma verdadeira floresta de colu-nas de aço, na direção

de onde vinha a voz, mas, em vão, não conseguiam vê-la.

Aí a ouviram chamar de novo, bem mais perto.

Dessa vez o som de sua voz foi um grito.

Eles foram correndo.

E ouviram outro som.

O barulho de um tiro de espingarda.

Correram ao redor de uma coluna e finalmente viram Willa.

Estava parada, o rosto como cera, tremendo, com a arma caída ao seu lado.

Ali também estava Ed Meecham, com a espingarda soltando fu-maça pelo cano.

O tigre estava deitado a menos de três metros de distância. O san-gue escorria de um

buraco de bala bem no meio dos olhos.

— Ela estava escondida ali — disse Willa, apontando para o for-ro inacabado. — Ia me

atacar por trás.

Estava tremendo demais para poder continuar.

— Achei que devia ficar de olho em você — disse Meecham.

— Há algumas coisas que

eu sei sobre os animais que você ainda não sabe. — E balançou a cabeça, arrematando: —

Nem todos eles falam e fazem desenhos.

Capítulo 12

Mulder leu a placa colocada na entrada do zoológico:

ZOOLÓGICO FECHADO AO PÚBLICO ATÉ SEGUNDA ORDEM

Olhou torto para ela, quando passou na sua frente. Ed Meecham havia salvado a vida

de Willa Ambrose, mas não tinha sido capaz de salvar o emprego dela, nem o seu próprio.

Mulder caminhou pelo zoológico, procurando por Willa. Queria dizer-lhe o que Scully

tinha descoberto, quando fizera a autópsia na fêmea de tigre morta.

Scully havia pedido que fosse o próprio Mulder que levasse a notícia a Willa. Estava

cansada de zoológicos. Pretendia limpar o laboratório do hospital veterinário e dormir um

pouco, só que esperava não ver o tigre em pesadelos. Um animal tão lindo, e tão morto.

Temia que viesse assombrá-la.

Mulder encontrou Willa com um grupo de homens e mulheres muito bem vestidos.

Estavam perto do tanque das baleias, observando um casal de baleias orca nadando de um

lado para o outro. Os animais abriam a boca de vez em quando, revelando dezenas de dentes

ameaçadores.

As pessoas que estavam com Willa não pareciam ser mais amigáveis do que as

baleias; quando apertaram a mão de Willa e foram embora, tinham um brilho frio no olhar.

Foi só então que ela notou a presença de Mulder.

— Pois bem. É isso aí — disse ela. — A fêmea de tigre foi a go-ta d'água que faltava.

Eles cortaram todas as verbas que eram destina-das ao zoológico, já fizeram os contatos

necessários para mandar os animais para outros zoológicos e minha última responsabilidade

aqui será embarcá-los.

— Sinto muito — disse Mulder.

— Não tanto quanto eu — respondeu Willa. — E não poderia acontecer em pior

momento do que este.

Mulder notou toda a dor que passava pelos olhos dela, e disse:

— Está falando de Sophie...

Willa balançou a cabeça.

— Isso mesmo. O que me ajudava era o meu trabalho aqui. Po-dia garantir a ela um lar

conveniente. — Lágrimas formaram-se nos olhos dela, mas conseguiu recompor-se e

continuar: — Mas isso é pro-blema meu, e você também tem coisas a resolver. Diga-me, já

tem os re-sultados sobre o animal?

— Scully disse que a fêmea também esteve prenhe.

Willa sacudiu a cabeça e disse:

— Impossível! Não existe nenhuma possibilidade de esses ani-mais terem ficado

prenhes. De maneira alguma!

— Não poderiam ter sido enxertados por meio de injeções? Com inseminação artificial?

— sugeriu Mulder.

— É um processo bastante complicado — explicou Willa. — Eu teria ficado sabendo.

— A menos que tivesse sido feito em outro lugar — sugeriu Mulder.

Willa parecia perplexa, por isso Mulder procurou ser mais claro: — O que sabe sobre

abduções⁶ por alienígenas? Os olhos dela se arregalaram.

— Você está brincando, não é mesmo? — Mulder no entanto per-maneceu em silêncio.

— Acha mesmo que esses animais foram levados para alguma espaçonave alienígena? —

perguntou ela.

Mulder não se deixaria intimidar por um olhar como aquele, que sugeria que ele era louco.

Sempre chegava um momento, em todos os casos que investigava, em que tinha de colocar as

coisas do modo como as enxergava. E esse momento tinha chegado.

— Não sei para onde esses animais estão sendo levados — disse He. — Mas parece que

sempre há problemas para trazê-los de volta. Tal-vez esteja havendo alguma dificuldade

técnica, ou uma confusão nos vínculos entre espaço-tempo-energia. Seja como for, e segundo

as análises dos dados disponíveis, feitas em nossos computadores, os animais estão sendo

devolvidos mais ou menos a quatro quilômetros de distância do zoológico, e sempre na

direção oeste-sudoeste.

— Alienígenas deixando nossos animais prenhes? — disse Willa, tentando assimilar a

idéia.

— E roubando os resultados — respondeu Mulder.

— Mas por quê?

6. Abdução é o termo utilizado para seqüestro por alienígenas. É um fenômeno cada vez mais controvertido na

ufologia, envolvendo testemunhas de ovnis que afirmam ter sido tiradas de seus carros ou até de seus quartos e

levadas para naves alienígenas, geralmente durante a noite. Com a ajuda da hip-nose, os abduzidos muitas vezes

lembram-se de informações sobre suas experiências. Muitos já formam grupos de apoio. (N.E.)

— Quem sabe? — disse Mulder. — Talvez eles estejam nos observando para ver tudo

que nós estamos fazendo com o planeta. Envenenando os mares, ateando fogo às florestas,

destruindo as terras cultiváveis, espalhando inseticidas sobre os produtos alimentícios,

matando animais para lhes arrancar a pele ou o marfim, ou pelo simples prazer de matar,

dizimando espécies inteiras e trancando em jaulas de ferro aquelas que ainda permanecem

vivas.

— Então digamos, apenas para efeito de raciocínio, que eles saibam o que estamos

fazendo. Não pretendo discutir isso, mas e daí?

— Talvez eles estejam montando uma espécie de Arca de Noé — sugeriu Mulder. —

Poderiam estar querendo salvar da extinção os animais ainda vivos na Terra.

— Que idéia! — exclamou Willa, incrédula.

— Só estou especulando sobre os possíveis motivos que os alienígenas teriam — disse

Mulder. — Mas tenho quase certeza de que é por causa deles que nunca houve um programa

de reprodução bem-sucedido neste zoológico. Eles sempre chegaram primeiro.

Não demorou mais de um minuto para Willa chegar a uma conclusão a respeito da

brilhante idéia de Mulder. E ela declarou:

— Acho que essa é a coisa mais ridícula que já ouvi!

Mulder não recuou.

— Se não acredita em mim, por que não pergunta a Sophie?

— Acha que é disso que ela tem medo? — perguntou Willa.

— O que eu acho é que Sophie está prenhe — disse Mulder. E tem medo de que eles

levem o seu filhote.

— Absurdo! — disse Willa, mas não tinha tanta segurança na voz

— Então prove! — exclamou Mulder. — Se tiver coragem.

Esse último desafio decidiu tudo.

— Siga-me, agente Mulder — disse Willa. Com a chave, ela abriu a porta onde estava a

placa **ANIMAL DOENTE** e entrou com Mulder.

Sophie estava no fundo da jaula e olhou para os visitantes com um ar de suspeita nos

olhos.

Acalmou-se apenas quando ouviu a voz de Willa.

— Sophie, venha cá. Quero lhe perguntar uma coisa.

Lentamente e com cuidado, Sophie caminhou na direção da pessoa humana que ela

mais amava no mundo. Mas no meio da jaula ela parou e olhou para Mulder, que estava atrás

de Willa, começando a fa-zer gestos apressados e nervosos.

— O que ela está dizendo? — perguntou Mulder.

— "Homem mulher fere" — explicou Willa. — Pensa que você sua parceira estão aqui

para fazer mal a ela ou a mim.

Willa fez alguns sinais de volta para Sophie, dizendo, com os mo-vimentos de suas

mãos: "Homem mulher estão aqui para ajudá-la. Que-rem saber sobre o bebê de Sophie".

Sophie pareceu paralisar, depois afastou-se. Voltou a agachar-se no fundo da jaula,

gemendo angustiada, com os olhos amedrontados os longos braços protegendo a barriga.

— Parece que ela entendeu o recado — disse Mulder.

— E parece que você tinha razão — comentou Willa. — Pelo me nos a respeito de ela

estar prenhe.

— Eu poderia fazer a ela uma pergunta? Ela consegue entende palavras faladas?

— Provavelmente — disse Willa. — Experimente e vamos ver. Mulder falou devagar e

claramente.

— Sophie, você quer ir embora daqui?

A gorila ficou parada.

Olhou para Mulder e ele devolveu o olhar.

Então ela deu sua resposta, através da linguagem de sinais.

Willa traduziu.

— Ela disse: "Medo luz". — Depois Willa perguntou a Sophie:
— Do que tem medo?

Sophie fez novos sinais e começou a tremer de novo.

— "Bebê vai luz voar" — disse Willa, com a voz cheia de espanto. — Isso poderia querer

dizer... Isto é, se você estiver certo a respeito dos alienígenas tentando...

Mulder começou a dizer alguma coisa, mas Willa levantou a mão para impedi-lo. Então

ela esfregou a mão na testa e disse:

— Deixe-me ver se consigo colocar essas idéias em ordem. Pare-ce tão inacreditável! É

muito difícil...

Nesse instante a porta se abriu. Era Scully.

— Senhorita Ambrose — disse ela. — Tinha certeza de que a encontraria aqui. Acho

que tenho más notícias.

— Meu Deus! O que foi agora? — perguntou Willa.

— Estou vindo do laboratório — explicou Scully, fechando a porta atrás de si. — Um dos

assistentes do xerife veio procurar por você pa-ra lhe entregar uma intimação. Acho que é

sobre Sophie.

— Oh, não! — gemeu Willa, branca como uma vela.

— Ele está esperando aí fora — informou Scully.

— E agora? O que eu vou fazer? — perguntou Willa.

— Seja o que for, senhorita Ambrose, não pode deixar Sophie aqui — disse Mulder. —

Isso se quiser que ela fique em segurança.

— Mas não tenho para onde levá-la — disse Willa.

Alguém bateu à porta. Willa olhou demoradamente para Sophie, agachada no canto da

jaula. Sophie olhou de volta para ela. Não houve I Intercâmbio de sinais nem de palavras. Só

de amor.

Então Willa foi lentamente em direção à porta e abriu-a. O homem que esperava do

lado de fora perguntou:

— Willa Ambrose?

— Sim.

O homem colocou duas folhas de papel na mão dela, dizendo:

— Estou lhe entregando uma intimação judicial. Ordena que entregue uma gorila

chamada Sophie à proteção das autoridades.

Deixou-a parada ali, com os papéis na mão e o rosto carregado de desespero.

Mas, quando se voltou para olhar novamente para Sophie, seu queixo se firmou.

Mulder reconheceu a expressão que viu no rosto dela.

Era a expressão de um jogador que ainda tem uma carta para jogar.

Mulder não pretendia perguntar qual era a carta que ela ainda tinha disponível.

Ela estava apostando alto demais.

Mulder conseguiu decifrar o sinal que ela fez para Sophie.

"Eu te amo".

Capítulo 13

Kyle Lang ouviu alguém batendo desesperadamente à sua porta. Levantou-se da mesa

do escritório e foi abrir.

— Willa? — perguntou ele. — O que a traz aqui, e a esta hora da noite? Na verdade, o

que a faz vir aqui, afinal de contas?

Willa entrou rapidamente no escritório da OLN, fechando a porta assim que passou.

— Tive de esperar até que ninguém pudesse me ver — disse ela. — Mas precisava falar

com você.

— Willa, estou sensibilizado, muito sensibilizado. Depois de todo esse tempo, você

ainda se preocupa — disse Kyle, com ar de zombaria. Mas logo parou de brincar. — O que

deseja? Que eu deixe o zoológico em paz? Que devo parar de lutar contra ele, agora que

fechou? Desculpe, mas preciso garantir que permaneça fechado, para sempre.

— Kyle, esqueça o zoológico — disse Willa. — Vim pedir que me ajude, porque você é

minha última esperança.

— Esperança de quê?

— Eles vão tirar Sophie de mim — explicou Willa, desesperada.

— Se está procurando por compaixão, bateu em porta errada — a voz dele era fria,

mas então viu a expressão de dor nos olhos de Willa e disse, com mais ternura: — Deixe que

ela vá, Willa.

— Eles a estão colocando numa caixa de ferro agora mesmo, sem barras nem janelas, e

vão deixá-la no armazém. Isso vai matá-la!

— Sophie passou a vida inteira atrás das grades — disse Kyle. — Deixe que ela vá para

casa, Willa, lá ela terá a liberdade que merece.

— Liberdade? Liberdade para fazer o quê? — perguntou ela, irritada. — Para ser morta

por caçadores inescrupulosos? Que cortarão suas mãos para vendê-las aos turistas?

— O governo de Malawi está prometendo que vai colocá-la num santuário natural —

disse Kyle.

— Sabe que essa promessa não passa disso. O governo de Malawi não consegue

policiar nem as ruas da capital, quanto mais as suas florestas!

— A liberdade vale alguns riscos — disse Kyle.

— Pra você é fácil falar, mas Sophie é minha. Não posso conceber a idéia de que ela

seja ferida, e não vou entregar os pontos.

— Que alternativa você acha que tem?

— Por favor, você pode me ajudar a encontrar um lugar para ela aqui mesmo, na nossa

terra — implorou Willa. — Um lugar secreto, algum santuário particular. Você conhece muita

gente.

— O que está me pedindo é contra tudo o que acredito — disse Kyle, mas sem

conseguir olhar nos olhos dela.

— Só esta vez... em nome dos velhos tempos! — tornou a implorara

— Os velhos tempos se acabaram, e você sabe disso. Você tomou a sua decisão quando

foi trabalhar no zoológico.

— Mas também trabalho pelos animais, Kyle.

— Já tivemos a mesma discussão uma vez — disse ele. — No que me diz respeito, está

tudo acabado.

Willa mordeu os lábios e falou:

— Ela está prenhe, Kyle.

— O quê? — gritou ele.

— Sophie está prenhe — repetiu Willa.

Kyle permaneceu de olhos fixos nela, depois balançou a cabeça e disse:

— Você está mesmo muito desesperada, não, Willa? Só que não vai dar certo. Não vou

engolir essa.

— Mas é verdade! — insistiu ela.

— Vamos dizer que eu estivesse acreditando... E não estou! E daí? Se Sophie está

prenhe, o seu filhote pode viver o resto da vida numa jaula, como ela — Willa chegou a abrir

a boca para responder, mas Kyle não deixou. — Ela não pertence a você, Willa. Não é sua

filha. Deveria estar vivendo com outros gorilas, não vendendo ingressos para o zoológico.

— Então não vai me ajudar? — disse ela, num tom de voz que indicava que já sabia a

resposta.

— Não — disse Kyle. — Agora, por que você não vai procurar outro emprego? E deixa

que eu continue com o meu?

Ele viu a cabeça de Willa tombar, os ombros caírem. Olhou em silêncio enquanto ela

saía pela porta. Aí voltou para sua mesa e para o novo panfleto que estava escrevendo.

Sentou-se diante do computador e digitou a primeira tecla em que seu dedo se apoiou.

Uma hora mais tarde Kyle ainda estava sentado à sua mesa. A tela do computador

continuava mostrando uma única letra sem significado. Ele ainda via diante dos olhos a

expressão derrotada de Willa.

Era uma imagem cruel, como a de qualquer outro animal que ele tinha visto. E havia

visto muitos.

Tentou trazer todos eles à lembrança, porque queria lembrar-se do trabalho de toda a

sua vida, porém a única coisa que via diante de si era Willa e seu sofrimento.

Willa do modo como acabara de ver, ferida e derrotada.

E Willa como ele conhecera havia muitos anos, quando tinham sido tão felizes juntos!

Ele desligou o computador e se levantou.

Sabia o que tinha a fazer.

Havia uma única coisa que ele jamais suportara, fossem quais fossem as razões.

Qualquer criatura sofrendo.

Ele apanhou uma caixa de ferramentas e saiu do escritório, entrou na caminhonete e

tomou o caminho do zoológico.

Já estavam economizando dinheiro por lá, pois as luzes estavam apagadas. Para Kyle

isso não seria problema, ele tinha uma lanterna para ver o que estava fazendo enquanto

arrombava o cadeado da entrada principal.

"Se é que Willa algum dia volte a rir, vai ser com esta piada", pensou ele. Kyle havia

aprendido a entrar escondido em lugares como aquele justamente para lutar contra pessoas

como ela. Agora, ela teria de agradecer pelo fato de ele ser tão bom naquilo.

Ele nem precisou da lanterna para andar pelas dependências do zoológico. Conhecia o

lugar como a palma de sua própria mão. Foi para o prédio com a placa ANIMAL DOENTE,

pensando que talvez Willa ainda estivesse por lá, para ficar com Sophie até o último instante.

Mas a cama de campanha de Willa estava vazia, assim como a jau-la de Sophie.

Kyle escreveu um rápido bilhete para Willa, o suficiente para dizer-lhe com quem devia

falar no dia seguinte. Colocou o bilhete embaixo do travesseiro e rumou para o armazém.

Acendeu a lanterna para arrombar o cadeado, mas logo a apagou, assim que a tranca

se abriu. Talvez o zoológico ainda tivesse dinheiro para pagar um vigia noturno, mas não havia

signal de vigilância quando ele entrou no salão escuro. Apenas o murmúrio causado pelos

animais.

Kyle rangeu os dentes de raiva. Tinha vontade de soltar todos os animais que estavam

presos ali, o que não poderia fazer sozinho.

A lanterna tinha o fecho ajustável. Ele o diminuiu ao máximo e foi andando pelo

labirinto de jaulas amontoadas, examinando os rótulos de identificação.

De repente, parou e ficou olhando. No meio das sombras ele viu aberta uma porta

metálica.

Andou depressa na sua direção.

Era a porta de uma grande caixa de ferro. Na porta aberta estava uma placa:

GORILA

NOME: SOPHIE

NÃO PERTENCE MAIS

AO ZOOLÓGICO

Apontou o facho da lanterna para dentro.

A caixa estava vazia, exceto pelo capim no chão.

Kyle virou-se e sussurrou o mais alto que podia: — Willa?
Onde é que você está? Não

se preocupe. Sou eu, Kyle, vim aqui para ajudá-la.

De repente ele percebeu alguma coisa às suas costas.

Virou depressa... e foi derrubado ao chão.

A cabeça estava girando, mas ele conseguiu se levantar.

De novo foi atingido por um golpe violento e lançado com
toda a força contra uma pilha

de caixas.

Confuso, ele ouviu o uivo de um lobo. Olhou para cima e viu
a caixa onde o animal

estava, caindo do alto da pilha.

"Não!", gritou ele, erguendo a mão para proteger-se da
última jaula odiosa que veria

na vida.

Capítulo 14

— Willa ainda está aqui? — perguntou Scully.

Apontou para a sala de reuniões do zoológico. Lá dentro, Willa estava enfrentando a polícia.

— Sim, ainda está aqui — disse Mulder. — Encontrou alguma coisa no esconderijo dela?

Scully tinha investigado o aposento onde Willa guardava Sophie.

— Descobri isto na gaveta da mesa dela — disse Scully. — Acho que você vai achar interessante.

Entregou a Mulder um recorte de jornal, já bastante velho e ama-relecido.

— Interessante mesmo — concordou Mulder.

No recorte havia duas fotos. Numa delas estavam Kyle Lang e Willa Ambrose, sorrindo

juntos para a câmera, bem mais jovens. Na outra foto havia um filhote de gorila, e a manchete

dizia:

CASAL SALVA FILHOTE DE GORILA DOS CONTRABANDISTAS

Uma segunda manchete dizia:

NATURALISTAS WILLA AMBROSE E KYLE LANG

TRARÃO ANIMAL PARA OS ESTADOS UNIDOS

— Então Willa e Kyle trabalhavam juntos — admirou-se Mulder.

— E posso imaginar o que acabou os separando — disse Scully. — Sem dúvida Kyle

queria colocar Sophie em liberdade, com o que Wil-la não concordou.

— Faz sentido — disse Mulder. — Um clássico triângulo amoroso. Homem, mulher e

gorila.

— Só que a história não acabou nisso — disse Scully, e mostrou a Mulder o bilhete de

Kyle, que tinha encontrado debaixo do travesseiro.

— Parece que Sophie acabou juntando os dois de novo — bem observou Mulder. — Mas

só há uma pessoa que pode dizer isso com certeza.

— Certo! — respondeu Scully, abrindo a porta da sala de reuniões.

Willa estava sentada numa cadeira, dura como uma estátua e de lábios fechados. Os

assistentes do xerife estavam ao redor dela e pareciam estar bastante cansados. Willa insistia

na mesma coisa.

— Eu já disse mais de cem vezes: ouvi os animais enlouquecerem. Levantei-me da

cama para ver como Sophie estava e vi que tinha desaparecido. Aí eu encontrei Kyle.

Scully reuniu-se ao círculo dos policiais. Mulder, porém, preferiu ficar perto da parede,

a uma certa distância, de onde podia observar Scully. Gostava de vê-la dedicando-se à

investigação de um caso.

E ela tomou conta do interrogatório.

— Você sabe o que Kyle estava fazendo lá?

— Não faço idéia — respondeu Willa.

— Temos uma testemunha que declarou ter visto você visitando Kyle ontem à noite —

disse Scully. — É verdade?

— Sim.

— E com que finalidade?

— Para dizer-lhe que ele havia vencido, que o zoológico estava fechando, e que Sophie

ia ser mandada de volta para a África.

— Por acaso pediu que ele a ajudasse? — perguntou Scully.

— Ajudar-me a fazer o quê?

— Ajudá-la a impedir que Sophie fosse levada embora.

— Não — mentiu Willa. — Isso seria contra tudo aquilo em que Kyle acreditava.

A voz de Scully tornou-se mais dura.

— Mesmo assim você foi pedir ajuda a ele!

Willa não se deixou intimidar e respondeu com firmeza:

— Não.

— Então, o que ele estava fazendo no zoológico ontem à noite? E por que lhe deixou

este bilhete? — Scully tirou o papel e leu em voz alta: — "Willa, vamos conversar. Kyle".

Willa deu de ombros e disse:

— Não tenho a mínima idéia.

— Ele costumava visitar sempre o zoológico? — perguntou Scully.

— Se visitava, devia ser sempre tarde da noite, quando saltava por cima da cerca,

como todo bom soldado da OLN — disse Willa. E acrescentou: — Por que não pergunta ao

agente Mulder o que aconteceu aqui? A teoria dele é ainda mais maluca do que a sua, pois ele

acha que se trata de um caso de abdução por alienígenas.

Todos os olhos se voltaram para Mulder. Ele pigarreou e disse:

— Acho que o interrogatório já abrangeu todos os aspectos. Agente Scully, eu poderia falar com você lá fora?

Scully fez uma careta, não tinha alternativa, além de acompanhá-lo. Mesmo que fosse torturada, Willa não diria mais coisa alguma.

Mesmo assim, Scully sentia-se pressionada. Lá fora, virou-se para Mulder e disse, em tom de acusação:

— Você acha que ela está dizendo a verdade! E acredita piamente que os alienígenas seqüestraram Sophie e mataram Kyle!

— Por que está dizendo isso? — perguntou Mulder.

— A morte de Kyle e o desaparecimento do animal aconteceram exatamente do jeito que ocorreu com o tigre — disse Scully.

— Sim — respondeu Mulder.

Mas Scully percebeu um tom fora do comum na voz de Mulder.

Um tom de incerteza.

— Não vai me dizer que está começando a ter dúvidas quanto à presença de

alienígenas no mundo, vai?

— Não é bem isso — respondeu Mulder. — É que alguma coisa não está encaixando

direito, no caso de Sophie.

— E o que é? — perguntou Scully.

— A reação de Willa — respondeu Mulder, ainda meio confuso.

— Reação a respeito de quê?

— Quanto à perda do animal que ela amava tanto — respondeu então Mulder. —

Duvido que ela conseguisse disfarçar tão bem a sua dor, e que pudesse permanecer tão fria!

— O que está querendo dizer com isso?

— Acho que ela sabe onde Sophie está — respondeu Mulder —, e Kyle Lang morreu por

que sabia até que ponto Willa estava disposta a ir para ficar com ela. Queria evitar que Willa

se arriscasse tanto, mas não conseguiu.

— Então acha que ela o matou? — perguntou Scully.

— Acho que ela faria qualquer coisa por aquele animal — respondeu Mulder.

— Até mesmo ficar esperando, em cima de uma pilha de caixas, até que seu antigo

namorado aparecesse? — perguntou Scully, balançando a cabeça.

— Não estou certo sobre o que aconteceu ontem à noite — observou Mulder. — Tenho a

impressão de que um exame mais detalhado do cadáver poderá nos mostrar um quadro mais

claro.

Scully balançou a cabeça. E disse:

— Vou tratar disso agora mesmo.

— Enquanto isso eu vou até o armazém de novo — disse Mulder. — Pode ter alguma

coisa por lá que deixamos de ver.

— Tudo bem — concordou Scully. — Deixe o carro aqui, que eu pego uma carona com

os policiais. O necrotério fica do outro lado da rua.

Mulder ficou olhando enquanto ela se afastava, e depois foi para o armazém, que

estava com a porta aberta. Mulder andou no meio das pilhas de caixas, e apenas um ou outro

barulho dos animais perturbava o silêncio. A maior parte das criaturas enjauladas ainda estava

dormindo, depois da confusão da noite anterior.

Chegou à caixa de metal onde a gorila estivera presa. Abriu a porta e olhou lá dentro.

Nada.

Fechou a porta e examinou com cuidado o piso de concreto, do lado de fora da caixa.

Alguma coisa.

Pequenos tufos de capim mareavam uma trilha pelo corredor, até a porta.

Não era muito, o suficiente, porém, para sugerir que a gorila poderia ter escapado por

ali. Ou ter sido levada à força por aquele caminho.

Depois, o olhar de Mulder dirigiu-se para o ponto onde tinha lido encontrado o cadáver

de Kyle. O caixote que o matara ainda estava no chão, como prova do crime. O lobo que

estivera dentro do caixote estava em outra caixa, esperando o momento de ser embarcado

para a Califórnia.

Mulder tentou adivinhar como o caixote poderia ter caído, e olhou cuidadosamente ao

redor.

"Ora, ora", disse ele, ao ver o bastão de ferro que estava dependurado na parede:

"Então eles mandaram Ed Meecham fazer alguma coisa, para merecer seu salário. Ele vem

mantendo os animais na linha, afinal de contas!"

Mulder olhou desgostoso para o bastão... até que um barulho lá fora o fez correr até a

porta.

"Falando do diabo", resmungou ele, quando viu Ed Meecham en-trar na garagem do

zoológico.

Quando Meecham saiu da garagem, guiando a caminhonete do Zoológico, Mulder já

estava em seu carro, esperando-o.

Esperou até que a caminhonete saísse para a rua e a seguiu.

Capítulo 15

Mulder ficou de olho na caminhonete de Ed Meecham enquanto o perseguia pela

rodovia, a caminho do poente.

Já estava escuro quando Meecham parou na frente de um prédio enorme, no meio do

nada.

Pela aparência, devia ter sido uma fábrica, no passado, mas o prédio estava

abandonado. Os faróis da caminhonete de Meecham mostravam janelas quebradas e sujeira

nas paredes de tijolos.

Mulder tinha ficado de faróis apagados. De longe ele viu quando Meecham apagou as

luzes da caminhonete e desceu, logo acendendo uma lanterna; em seguida tirou o revólver do

coldre e desapareceu no interior do prédio.

Rapidamente, Mulder foi em sua perseguição. Tinha o revólver na mão, quando entrou

pela porta aberta.

Meecham ia pelo corredor, na frente dele.

— Pode parar, Ed — ordenou Mulder.

Surpreso, Meecham virou-se depressa e o fecho de sua lanterna iluminou a figura de

Mulder.

Mulder ergueu o revólver e balançou a cabeça, dizendo:

— Acho que já houve suficiente violência, não concorda?

— Eu não matei Kyle Lang — defendeu-se Meecham.

— Deixe cair a arma e poderemos conversar.

Meecham arregalou os olhos para o revólver de Mulder, então deixou cair o seu.

Ainda apontando para Meecham, Mulder apanhou a arma caída. Era um revólver de

dardos tranqüilizantes.

— Só vou fazer o que ela me pagou para fazer — declarou Meecham. — Eu precisava do

dinheiro, e eles não iam pagar os meus direitos. Disseram que não tinham como me pagar.

— Tem minha solidariedade. Realmente sinto muito — disse Mulder, em tom severo. E

perguntou: — Onde está o animal?

— Animal? Que...? — Meecham começou a dizer, mas viu olhar penetrante de Mulder e

desistiu: — Lá no fundo.

— Muito bem, você vai me mostrar — ordenou Mulder. — Vamos entrar lá juntos.

Com uma olhada para a arma de Mulder, Meecham não teve alternativa, senão

concordar. Foi na frente por aquele corredor, e virou por outro, com a lanterna iluminando o

caminho.

Quando entraram pelo segundo corredor, Mulder ouviu um ba-rulho ritmado, como se

fosse alguém batendo em um tambor.

— O que é isso? — perguntou ele.

— A gorila — respondeu Meecham. — Está batendo o corpo contra a parede. Ela ficou

louca.

As batidas ficaram mais fortes. Meecham parou na frente d uma espessa porta de ferro,

que tremia cada vez que a gorila batia contra ela.

— Ela está amedrontada — disse Mulder, fazendo careta. Quase podia sentir o impacto,

toda vez que Sophie batia na porta.

— É — concordou Meecham. — E acho que vai acabar se matando.

Mulder tremeu quando Sophie tornou a bater com toda a força contra a porta de ferro.

E nesse momento teve uma idéia.

— Pois bem, Ed. Você vai salvá-la.

Entregou a arma de tranqüilizantes para Meecham.

— Mas...

— Já ouvi você dizer mais de uma vez que é muito bom com ani-mais. Agora vai ter de

provar isso.

Diante da expressão severa, Meecham apanhou a arma.

— Passe-me a lanterna — pediu Mulder. — Eu vou iluminá-la.

Devagar, e com todo o cuidado, Meecham abriu a porta, rígrado de medo. Andava como

se estivesse descalço, pisando sobre cacos de vidro. Mulder vinha logo atrás, com a lanterna

numa das mãos e o revólver na outra.

A lanterna mostrou que Sophie tinha-se afastado da porta. Estava em algum lugar, no

meio das sombras do aposento.

— Só posso dar um tiro com esta coisa — avisou Meecham.

— Fique de arma

engatilhada, está ouvindo?

— Onde está ela? — perguntou Mulder.

— Acho que está num dos cantos — respondeu Meecham. Mulder procurou com o facho

da lanterna.

De repente a lanterna lhe voou da mão, quando ele foi derrubado de costas.

Conseguiu ver a cara furiosa de Sophie, antes que ela o atacasse.

O cheiro forte do animal encheu as narinas de Mulder, quando ele ouviu o estalo da

arma tranqüilizante. Sua mão apertou a coronha do próprio revólver.

E a gorila desapareceu. Tinha voltado a se esconder nas sombras. Tudo ficou escuro de

novo, exceto por uma estreita faixa de luz no chão, que vinha da lanterna caída.

— Ed? — chamou Mulder, sentando-se. Não ouvindo resposta, gritou: — Ei, Ed!

Ouviu então a voz abafada de Meecham:

— Errei o tiro.

Meecham estava do outro lado da porta. Mulder tentou abrir, mas estava trancada.

— Abra a porta, Ed!

— Você está com o revólver, por que não o usa? — respondeu Meecham.

— Ed, escute aqui... — implorou Mulder.

Não houve resposta. Ed tinha ido embora.

Mulder voltou-se para olhar na escuridão.

Queria apanhar a lanterna, mas preferiu não atravessar o espaço que o separava da

fonte de luz. Ficaria exposto a um ataque de surpresa.

Só lhe restava rezar que Sophie pudesse compreendê-lo.

E esperava que acreditasse nele.

— Sophie — chamou Mulder. — Sou seu amigo. Quero ajudá-la e quero ajudar o seu

bebê.

Do meio da escuridão ele ouviu um rosnado, e deu para sentir fúria e o desespero que

ela estava passando.

Sophie havia sido traída muitas vezes. Tantas, que já não podia mais confiar nos seres

humanos.

E Mulder entendia isso.

Também entendia o fato de ela estar disposta a fazer de tudo para tentar salvar o seu

filhote.

O revólver estava pesado, e a cada instante parecia ficar ainda mais pesado.

Mulder jamais hesitara em usar sua arma contra os criminosos, quando a vida de

alguém estava em jogo e quando não lhe restava alternativa, mas atirar contra um inocente

era outra história.

A situação era relativamente simples.

Ou ele matava, ou seria morto.

Desesperado, Mulder desejava que a decisão também fosse simples.

Mas acabou-se o tempo que ele tinha disponível para fazer sua escolha.

Sophie urrou três vezes, para então atacar.

Capítulo 16

O sangue escorreu pela testa de Mulder.

As unhas de Sophie tinham rasgado sua pele.

A luz da lanterna, ainda caída ao chão, foi mudando de branco para vermelho, com o

sangue que cobria seus olhos.

Naquela escuridão avermelhada, ele viu Sophie ao seu lado e sentiu-se insignificante,

ajoelhado aos pés dela.

Sophie estava levantando o braço para lhe dar outro golpe brutal.

Mulder ergueu o revólver e seu dedo endureceu no gatilho.

Mas ele não conseguiu puxá-lo. O tambor chegou a se mexer e seu braço tremeu.

Dentro do seu peito acontecia uma verdadeira batalha, envolvendo dois caminhos possíveis:

Matar ou ser morto?

Mulder nunca soube o que teria feito se Sophie não tivesse parado de repente, ficando

imóvel como uma estátua.

Aí ela virou-se e correu de volta para o canto escuro. Mulder olhou em volta para ver o

que a tinha assustado.

Piscou, quando viu um vapor iluminado entrar pelo aposento.

No meio daquela luz leitosa ele viu a imagem de Sophie se derretendo no ar, bem

diante dos seus olhos.

Viu nos olhos dela uma expressão de despedida, e as mãos que faziam três últimos

sinais de comunicação.

Foi tudo o que viu quando uma fortíssima luz branca explodiu na sala, até que ele

mergulhasse outra vez na escuridão.

— Mulder... Mulder...

Ele ouviu a voz de Scully, que parecia vir de muito longe.

Suas pálpebras pareciam feitas de pedra, mas ele fez força e conseguiu abrir os olhos.

O aposento era iluminado pela luz do sol da manhã. Scully estava ao lado dele.

— Mulder, fique quieto — pediu ela. Depois virou-se e disse a um dos dois policiais, que

estavam atrás dela: — Chame uma ambulância.

— Estou bem — disse Mulder, sentando-se no chão. Olhou ao redor, por todo o quarto.

Sophie tinha desaparecido.

— Onde está ela? — perguntou.

— Onde está quem? — perguntou Scully de volta.

— Sophie... Eles a levaram.

— Fique deitado, Mulder. Você ainda está em estado de choque — disse Scully.

Em vez disso, Mulder levantou-se e perguntou:

— E Meecham?

— Ed Meecham foi preso — informou Scully. — Foi apanhado quando fugia em direção à

fronteira. Foi ele quem disse à polícia onde você estava.

— E onde está Willa? — perguntou ele.

— Lá fora, num carro da polícia — informou Scully. — Eu examinei Kyle e encontrei

provas sobre a causa da morte dele. Foi atacado com um bastão de ferro. Fui interrogar Willa

com essas provas, e cheguei bem na hora em que ela se preparava para fugir. Não foi preciso

fazer muita pressão para ela falar. Acabou confessando que tinha contratado Ed. Disse que ele

vinha mantendo Sophie presa num edifício aqui nesta estrada. Parece que Willa enlouqueceu,

diante do medo de perder sua gorila para sempre.

— Tenho de falar com ela — disse Mulder.

— Espere! Você não está em condição de... Mas ele já estava saindo. Encontrou Willa

no banco de trás do carro da polícia, olhando para a frente, fixando a vista num ponto

qualquer, no infinito. Quando Mulder se aproximou, ela voltou à vida:

— Onde está Sophie?

— Foi embora — respondeu ele.

O rosto dela se encheu de dor, seus olhos fuzilaram Mulder com uma expressão de

ódio.

— O que foi que Ed fez com ela? Fui uma idiota em pedir ajuda a ele, mas era a única

saída que me faltava tentar.

— Não foi culpa de Ed — disse Mulder.

— Isto tudo é um pesadelo! — exclamou Willa, agora com todo o corpo tremendo. —

Nada disto deveria ter acontecido. Ed entrou em pânico quando viu Kyle, e Kyle não deveria

estar lá — ela passou as mãos pelos cabelos, em sinal de desespero e continuou: — Ele se foi,

So-phie se foi, perdi tudo o que tinha.

Willa cobriu o rosto com as duas mãos e começou a soluçar.

— Senhorita Ambrose, por favor, ouça o que vou dizer — pediu então Mulder. — Preciso

da sua ajuda. Acho que Sophie tentou me dizer alguma coisa.

Willa ergueu o rosto no mesmo instante em que ouviu o nome de Sophie:

— O quê?

Mulder imitou os sinais que Sophie tinha feito, pouco antes de desaparecer no meio da

luz branca e leitosa, e perguntou:

— O que significa isto?

— Homem salva homem — respondeu Willa.

Os dois se entreolharam, ambos tentando entender o significado daquelas palavras.

Não tiveram muita chance de pensar, pois uma voz se fez ouvir, no meio da estática do

rádio do carro da polícia.

"Atenção, todos os carros que estiverem na área: um grande animal acaba de ser visto

correndo em liberdade. Foi na rodovia interestadual, perto da pista local, na alça de saída para

a Avenida 99."

— É ela! — disse Mulder.

— Está tentando voltar para o zoológico — disse Willa.

— Talvez.

Mulder viu Scully e os policiais saindo do prédio e gritou, contando a notícia que

acabara de receber.

Os policiais saltaram no banco da frente e Scully entrou na parte de trás do carro, junto

com Mulder e Willa.

— Depressa, sim? — pediu Willa, quase gritando, para o policial que estava ao volante.

Meia hora depois o carro-patrolha parava junto a vários veículos idênticos, estacionados

ao lado de uma pista secundária. Perto deles havia um automóvel tombado. Todo o cenário era

iluminado pela luz prateada daquela fresca manhã.

Assim que o carro da polícia parou, Willa saltou de dentro, como um foguete.

Mulder e Scully dispararam atrás dela.

Willa correu para o primeiro policial que encontrou parado ali, e foi logo perguntando:

— Onde está ela?

— Ela? — perguntou o homem. — Ela quem?

— Sophie — gritou Willa.

— Sophie?

— Sim, a gorila que fugiu — explicou Mulder.

— Por que não disse logo? Está ali.

Ele apontou para um pequeno grupo de árvores solitárias contra o horizonte quase

totalmente despido de vegetação.

Willa saiu correndo de novo, com Mulder e Scully atrás dela. Quando chegaram perto

das árvores, encontraram mais policiais.

— O que aconteceu aqui? — perguntou Scully a um deles.

O policial informou:

— O animal atravessou a pista correndo e foi atropelado. O carro foi destruído quando

saiu da estrada, na tentativa de evitar o impacto. Mas felizmente o motorista nada sofreu.

— E o animal? — perguntou Willa, tão ofegante que quase não conseguia falar.

— Tentou continuar correndo — disse o policial —, mas só con-seguiu chegar até ali.

Apontou para alguns arbustos, onde havia outros dois policiais, olhando para o chão.

Willa espremeu-se para passar entre eles e ajoelhou-se ao lado animal ali atirado ao chão.

— Oh, não! Não, não, não, não! — resmungou ela, acariciando o rosto da gorila. Curvou

o corpo para a frente e falou na orelha de Sophie, como se estivesse tentando despertá-la: —

Sophie... Sophie...

O policial que estava mais perto balançou a cabeça e disse:

— Ela está morta, dona.

Willa levantou a cabeça e disse:

— Por favor, quero saber uma coisa: para que lado ela estava correndo?

O policial parecia confuso.

— Desculpe, mas eu não...

— Para que lado ela estava correndo? Em direção ao zoológico ou em sentido contrário?

— insistiu Willa.

O policial encolheu os ombros e respondeu:

— Desculpe, mas eu não sei, dona.

Mulder ficou parado ao lado de Scully, sem poder fazer coisa alguma, enquanto Willa

soluçava sem controle, debruçada sobre o corpo do grande animal. Mulder não podia ajudá-la

com as dúvidas que tinha, pois ele próprio ainda precisava de respostas para certas perguntas.

Tudo o que conseguiu fazer foi olhar bem para a mão direita da gorila, incrivelmente

parecida com uma mão humana.

Os dedos estavam rígidos, formando um sinal que Mulder reconhecia. O mesmo sinal

que ele vira Willa usando, algum tempo antes.

Eu te amo.

Capítulo 17

Na manhã seguinte Mulder e Scully puseram-se a caminho do aeroporto, com Scully ao

volante. Rodavam em silêncio, já que nenhum dos dois tinha muito a dizer. Aquele caso estava

encerrado.

A Justiça se encarregaria de decidir o destino de Willa. A câmara de representantes

municipais decidiria sobre o fim do zoológico.

E ninguém sabia o que iria acontecer com os animais que estavam sendo despachados

para todas as partes do país.

— Sabe? É estranho o que não me sai da cabeça — comentou Scully, sem mais nem

menos.

— E o que é? — perguntou Mulder.

— Não consigo me esquecer daquele shopping center vazio, depois que o tigre assustou

todo mundo que estava lá. Era um lugar tão assustador! Parecia um mundo do qual toda vida

tinha sido extraída. Só havia sobrado espaços vazios. Engraçado, não é mesmo?

— Sim, engraçado — concordou Mulder.

Aí ele disse: — Acho melhor acabar de gravar as minhas observações, porque você vai precisar

delas para preparar o seu relatório para os chefões.

Ele apanhou o microfone do gravador e começou:

“Os crimes cometidos em Fairfield foram atos de pessoas desesperadas, que estavam

fazendo mais do que lutar umas contra as outras, ou seja, estavam lutando contra uma força

que nenhuma delas poderia imaginar, e menos ainda derrotar. Uma força cujos propósitos

estão muito além dos nossos conhecimentos”.

"Por acaso estariam os alienígenas tentando proteger os animais que nós, os humanos,

estamos levando à extinção? Teriam eles chegado à conclusão de que nós mesmos não

conseguiremos proteger esses ani-mais? Seria isso um reflexo do fato de que a média de

espécies em extin-ção aumentou mais de mil vezes acima do normal neste século? Não estaríamos nós, os humanos, nos arriscando a ficar sozinhos neste planeta, enfrentando a

possibilidade de nossa própria extinção? Poderia a nossa sobrevivência, assim como a

sobrevivência de todos os outros seres vivos da Terra, estar dependendo de alienígenas, que

talvez estejam enchendo os seus próprios zoológicos? Ou, segundo as palavras de uma

criatura que não conseguiu sobreviver, poderia o homem salvar o homem?"

Mulder desligou o gravador e disse:

— Acho que isso resume tudo, Scully.

— É, acho que sim — concordou ela, sem tirar os olhos da estrada

— Tantas perguntas, tão poucas respostas — disse Mulder, olhan-do pela janela, para

um mundo que não oferecia nenhuma solução.

Exceto, talvez, pelo outdoor que leu na beira da estrada.

Em letras de um metro de altura, o painel citava a Bíblia:

"O homem não terá primazia sobre nenhum animal. Pois tudo é vaidade".